

25 de Maio 2021
Terça-feira
Semanário - Ano 5
Nº 260
Director-Geral
Evaristo Mulaza



ALEGADA 'MÁFIA'

Queixa contra gestores da TCUL entra no IGAE

Pág. 12



VISITA DO GAFI ADIADA

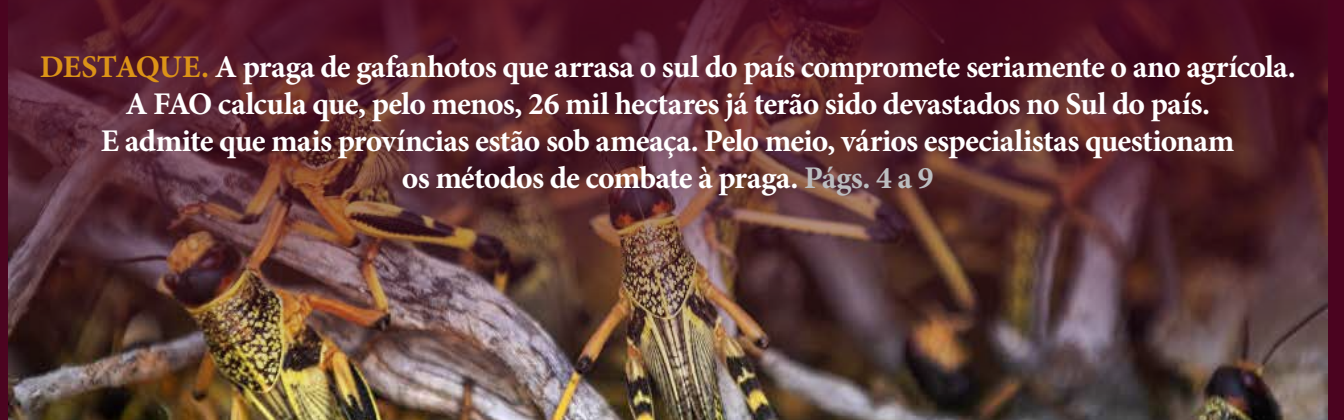
Avaliação sobre lavagem de dinheiro em Angola remarcada para 2022

BRANQUEAMENTO DE CAPITAIS. A equipa do Grupo de Avaliação Financeira (GAFI) já não deve aterrar em Luanda este ano, face às restrições impostas pela pandemia. O processo de implementação das medidas contra o branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo em Angola deve ser assim avaliado no próximo ano. Pág. 10

ANO AGRÍCOLA SERIAMENTE COMPROMETIDO

Gafanhotos já devastaram mais de 26 mil hectares no Sul

DESTAQUE. A praga de gafanhotos que arrasa o sul do país compromete seriamente o ano agrícola. A FAO calcula que, pelo menos, 26 mil hectares já terão sido devastados no Sul do país. E admite que mais províncias estão sob ameaça. Pelo meio, vários especialistas questionam os métodos de combate à praga. Págs. 4 a 9



TRIBUNAL À VISTA

Conflito entre BFA e antiga administradora chega à PGR

Pág. 13



Luís Cupeñala

OS DESAFIOS DE ÁFRICA

Liderança e infra-estruturas

ANÁLISE. Dois empresários com experiência internacional descrevem, ao detalhe, os principais desafios do continente. Pág. 11



Bartolomeu Dias

Editorial

ÁFRICA? A CULPA É DO COLONO

Mais um 25 de Maio, mais um Dia de África, mais um dia para a prática colectiva de algum exorcismo sobre a trajectória da nossa desgraça comum.

É a praxe estabelecida. Na identificação dos problemas e na consequente pretensa busca de soluções, uns optam por direccionar as baterias da culpa ao passado colonial que nos foi imposto e às amarras do presente, justificadas precisamente por esse passado. No fundo, para esse ponto de vista, não interessa quanto tempo passe e não importam as novas circunstâncias geradas no período pós-colonial. A culpa da desgraça africana até na dimensão que se conhece hoje será sempre, sobretudo, do colono. Outros preferem apostar contra o afropessimismo, atacando, entre outros, os cépticos e os críticos que apontam o dedo directamente à ganância e à incompetência das elites políticas como as razões de fundo da miséria colectiva. Por outras palavras, para esta perspectiva, o continente até tem rumo, independentemente de tudo. E os que não acreditam nisso não passam de uma turma de rancorosos e fanáticos. Finalmente, colocam-se os últimos que relativizam o passivo colonial, ignoram os optimistas e não são propriamente loucos



pela crítica. E estes, os últimos, são os que, por via de regra, fazem as perguntas a que todos os outros não dão respostas, apesar de fáceis. Senão, vejamos.

É mesmo o colono o culpado da tentativa de golpe de estado desta segunda-feira no Mali, 60 anos após a sua independência? É mesmo o colono que ensinou a sucessão dinástica no Gabão, que insiste num presidente a cair aos pedaços ao ponto de se deslocar a Paris apoiado em muletas? É mesmo o colono que obrigou Denis Sassou Nguesso a mudar a Constituição congoleza para se permitir a um terceiro mandato, eternizando-se no poder, quando já conta 77 anos? É o colono que mantém Paul Biya, aos 88 anos, à frente dos Camarões, oferecendo-se uma infinidade de mandatos e sem perspectivas de saída à vista? Ou é o colono que obrigou Teodoro

Obiang Nguema a fazer da Guiné Equatorial a extensão da sua casa, há mais de 40 anos? É o colono que instruiu o velho Museveni a encarcerar a nova estrela da política ugandesa, por reclamar vitória na última eleição? São os colonos que disseram a Paul Kagame para se fazer de Xi Jinping africano? É o colono que mantém a República Centro Africana controlada pelos senhores da guerra? É o colono que convenceu a Frelimo que a sua elite é uma turma de iluminados e que, por isso, são os únicos que podem governar Moçambique? São os colonos que disseram a José Eduardo dos Santos para ficar 38 anos a comandar Angola? São os colonos que convenceram o MPLA de que são os escolhidos de Deus e únicos permitidos a governar Angola? São os colonos que têm orientado o regime controlado por João Lourenço a inviabilizar projectos políticos indesejados, como o Pra-JA de Abel Chivukuvuku? São os colonos que têm inviabilizado a despartidarização dos Tribunais e da CNE? É o colono que ensinou a Presidência da República a criar majores multimilionários, que andam com milhões frescos em casa com selos do BNA? É tudo isso que leva os autoproclamados optimistas a defender que o continente tem rumo? Ou esses optimistas também aprenderam esse optimismo com o colono? Pois, claro, a culpa é mesmo colono.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes, EY, Mário Paiva e Pedro Narciso
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



ARLINDO PRAIA SICATO,
economista

França anunciou uma ajuda de 100 mil milhões de dólares a África...

A França tem neste momento dificuldades e não tem dinheiro para tanto. Aliás, se durante a dominação colonial nada fez nos países onde esteve, deixou miséria e analfabetismo, é agora que quer ajudar? Pretende riquezas para potenciar a sua economia. Se não vejamos: como é que aparece como maior exportador de ouro e de madeira, por exemplo, quando não tem jazidas do mineral nem florestas? Claro os retira das antigas colónias!

Como?

A União Africana deve gizar um plano para evitar essas cimeiras que não acrescentam valor. Hoje é a França, amanhã é a Rússia, depois é o Japão ou a China... É preciso impedir que as potências retirem daqui matérias-primas que, depois de transformadas em produtos acabados vendem a preços mais elevados.

As iniciativas do Governo caminham nesta direcção?

Precisamos com urgência de uma nova ordem de políticas económicas e sociais como fez o Ruanda de Paul Kagame. O nosso país compulsou várias leis para tentar um modelo económico mais assertivo, mas todos os modelos têm falhado por ordem institucional ou técnica.

18 TERÇA-FEIRA

O Ministério dos Recursos Minerais, Petróleo e Gás, através Gabinete de Informação e Comunicação Institucional, convida os empresários angolanos e estrangeiros a investirem no sector para se transformar em riqueza o potencial mineiro do país.

19 QUARTA-FEIRA

A ministra das Finanças, Vera Daves, incentiva em Paris, França, os empresários franceses a investirem em Angola e a firmarem parcerias com homólogos angolanos.

20 QUINTA-FEIRA

A empresa estatal para a comercialização de diamantes, Sodiam, anuncia que vai realizar o terceiro leilão de diamantes em bruto em Luanda, com um valor estimado de licitação de 22 a 30 milhões de euros.



21 SEXTA-FEIRA

Informações dão conta que a empresa de bebidas Refriango prepara-se para assinar um contrato de gestão com a Sodiba, fábrica que produz a cerveja Luandina e que pertence à empresária Isabel dos Santos.



15 SÁBADO

O administrador-delegado do Grupo Castel, em Angola, Philippe Frédéric, morre, na Clínica Girassol, em Luanda, vítima de ataque cardíaco. O Grupo Castel detém, entre outras, as marcas de cerveja Cuca, Nocal e Eka.



16 DOMINGO

O Ministério da Indústria e Comércio prorroga o prazo de submissão de candidaturas para os concursos públicos destinados às concessionárias automóveis para a aquisição de 500 viaturas novas, do tipo carrinha, para o transporte de mercadorias.



SEGUNDA-FEIRA

O Governo lança um concurso público internacional para adjudicar a concessão do terminal polivalente de contentores e de carga geral do Porto do Lobito, em Benguela.

COTAÇÃO



PETRÓLEO ACORDA EM QUEDA LEVE...

O petróleo começou a terça-feira com ligeiras quedas após terminar a sessão anterior com ganhos de 3%. O Brent, referência às exportações angolanas, abriu a negociar a 68,39 dólares. Ao passo que o WTI, abriu a negociar 66,06 dólares.



WALL STREET SOBE...

Os principais índices da Wall Street abriram o dia com ganhos motivados pela redução dos receios da inflação. O S&P 500 e o Nasdaq começaram com ganhos de 1%, o índice Dow Jones 0,01%, enquanto o S&P 500, 0,12199%.

Observatório



COMBATE À PRAGA DE GAFANHOTOS

E se a emenda for pior do que o soneto?

DESTAQUE. Praga de gafanhotos que, até meados deste mês, já havia devastado mais de 500 áreas de cultivo no sul do país e que continua a sua viagem devastadora em busca de comida, é uma das grandes ameaças actuais à segurança alimentar no país. Ministério da Agricultura e Pescas alerta que o ano agrícola está seriamente comprometido.

Por Júlio Gomes

Com o ministro da Agricultura e Pescas, Francisco de Assis, a reconhecer a exiguidade de meios de combate à praga, num webinar realizado na semana passada, em Luanda, o representante em Angola do Fundo das Nações para Alimentação e Agricultura (FAO), Gherda Bar-

reto, reforça que não se trata de uma tarefa “fácil”, mesmo com recurso a satélites e disponibilidade financeira. “Porque esta é uma das pragas mais destrutivas que mais ameaçam a segurança alimentar”, justifica.

Lembrando que a FAO trabalha, há muitos anos, na monitoria da praga de gafanhotos na Ásia e no Leste de África, Barreto menciona a vastidão das áreas afectadas para dimensionar o grau de dificuldades no combate à praga. “São no total 16 milhões a 30 milhões de km2 de área coberta por gafanhotos. Por

isso gasta-se muito dinheiro, mas é difícil controlar a praga”, reforçou a executiva da FAO que defende um processo de formação de brigadas de ataque ao fenómeno mais extensivo e que estejam preparadas para intervenções pontuais no terreno.

O comando geral da protecção civil e bombeiros fez um balanço de uma visita de 12 dias efectuada pelo comandante-geral, Bensau Mateus, à região afectada e disse que “para conter a vaga de gafanhotos, a Força Aérea Nacional, com o apoio do Serviço de Protecção Civil

e Bombeiros, está a pulverizar os campos e capacitar os camponeses que combatem os gafanhotos, estando disponíveis três aeronaves”, lê-se no ‘Jornal de Angola’.

“As populações foram aconselhadas a abandonar as zonas de risco para estarem alojadas em áreas mais seguras e com mínimas condições, mas, por questões culturais, acabam por regressar às zonas onde já saíram, colocando em risco a própria vida”, explicou o porta-voz do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, Félix Domingos, que referiu

que a província mais afectada foi a do Cunene em que a praga comprometeu a produção de massambala e massango.

HUÍLA ANTECIPA-SE

A província da Huíla antecipou-se à comissão multisectorial no combate à praga de gafanhotos e pediu ‘socorro’ a uma empresa local Henrique C & Filhos que respondeu com a oferta de embalagens de Cipermetrina, insecticida fabricado pelos chineses da Yufull Industry C, Ltd. “O governo provincial pediu e, como tínhamos o produto armazenado para operações de desinfestação, simplesmente oferecemos sem qualquer contrapartida financeira”, afirmou sem revelar quantidades disponibilizadas, Henrique Cambanje, ‘patrão’ da firma com interesses em vários sectores do comércio de representação, entre outros negócios, e que também se tem destacado no apoio às iniciativas do governo huilano.

O engenheiro agrónomo Lutero Campos, antigo director provincial da agricultura, assegura que o insecticida é dos recomendados no combate a pragas que afectam as plantas, incluindo a de gafanhotos, mas alerta para o perigo para os humanos, por se tratar de um produto com elevado nível de toxicidade.

“Deve ser bem manuseado por pessoas abalizadas. Este produto mata tudo, desde baratas, moscas, mosquitos, e mesmo gafanhotos, mas tem o grau de toxicidade extremamente letal também para o homem. É recomendável, para quem esteja a pulverizar após a operação tomar leite, entre outras precauções, sob pena de contrair doença e morrer”, avisou ainda Lutero Campos que, entretanto, põe em causa a eficácia dos métodos de combate à ‘nuvem’ de gafanhotos, “por se tratar de bichos migratórios e inteligentes”.

Opinião partilhada pelo também engenheiro agrónomo Benedito Ornela, que lembra acontecimentos idênticos nos anos 70, no Moxico, em que a administração colonial, pouco conseguiu fazer para travar a fúria dos gafanhotos. “Mesmo com meios à disposição, os gafanhotos destruíram as lavras dos camponeses levando-os à fome”, acrescentou Ornela que aponta os solos arenosos e condições de humidade calor como propícios para a proliferação do gafanhoto vermelho que arrasa tudo por onde passa, das folhas aos grãos.

Alguns dos pesticidas usados foram também banidos em países da União Europeia pelo nível de toxicidade por ser “altamente tóxico para os mamíferos, pássaros, peixes, invertebrados aquáticos e abelhas melíferas”

PANORAMA DAS REGIÕES AFECTADAS PELO MUNDO



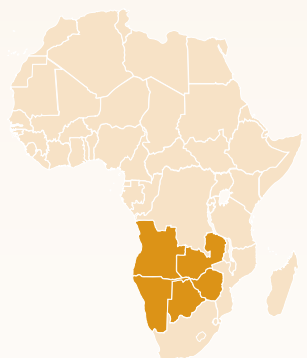
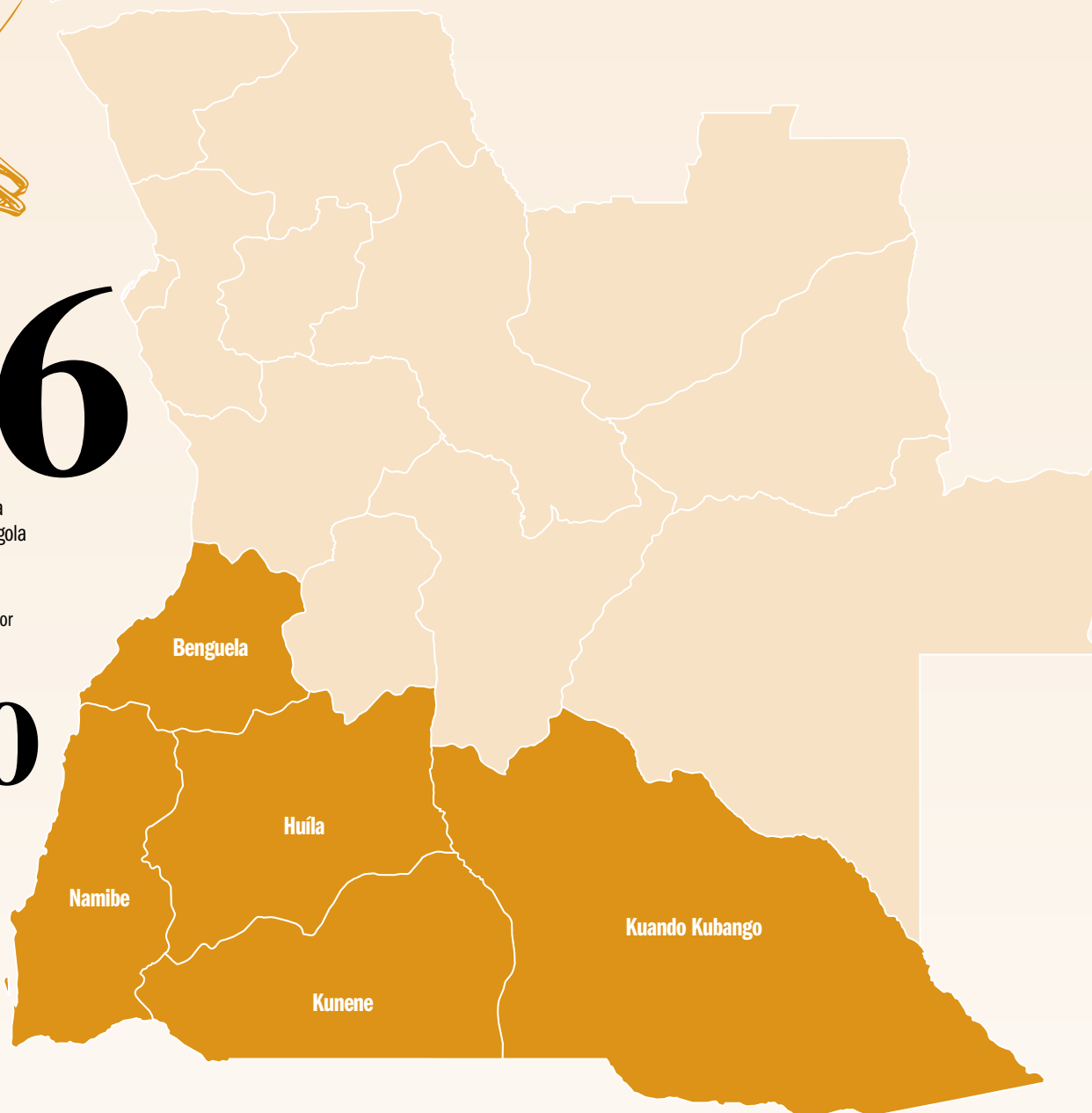
26

Mil km², área coberta por gafanhotos em Angola

Provincias afectadas por praga de gafanhotos

450

Mil USD, gastos no combate à praga em Angola



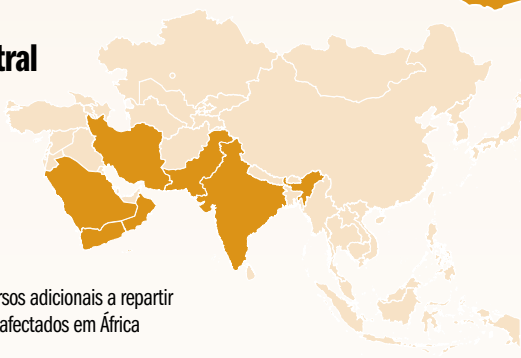
Incidência na região austral

Países afectadas pela praga de gafanhotos

Angola
Botswana
Zâmbia
Namíbia
Zimbábue

1,5

Milhões USD, recursos adicionais a repartir pelos cinco países afectados em África



Incidência na Ásia

Países afectadas pela praga de gafanhotos

Índia
Paquistão
Irão
Iémen
Arábia Saudita
Omã

O professor e agrónomo acrescenta que os pesticidas usados em Angola para controlo da praga, apesar de ser “a solução emergencial”, tem custos elevados para o meio ambiente e para a saúde humana e lembra que “infelizmente na ânsia de controlar esta praga, aplicações de pesticidas têm sido feitas empiricamente no país”.

O VALOR contactou um agricultor local de pequena escala que recebeu das mãos dos técnicos um pesticida de nome Mosquito, mesmo não dispondo de qualquer informação sobre o uso do mesmo ou sobre a necessidade de uso de materiais de protecção que também não acompanharam a distribuição gratuita do pesticida. Na região, os agricultores de subsistência foram avisados da pulverização aérea e instruídos a procurar refúgio noutras zonas, no entanto dois que falaram a este jornal não souberam explicar para onde iriam nem por quanto tempo deveriam ficar afastados das lavras, ficando evidente a falta de domínio da informação dificultada pelo fraco domínio do português entre as comunidades.

O engenheiro agrónomo Adriano Bingobingo lembra mesmo que a estratégia de combate à praga, fazendo recurso a estes pesticidas e tendo em conta o manuseio empírico, “não servirá para solucionar a situação, porque estes tipos de pulverizações matam poucos e geralmente em fases de crescimento mais juvenis, sendo mais eficientes durante a noite quando os gafanhotos estão pausados”.

Alguns dos pesticidas usados foram também banidos em países da União Europeia pelo nível de toxicidade por ser “altamente tóxico para os mamíferos, pássaros, peixes, invertebrados aquáticos e abelhas melíferas e é classificado como tóxico para a reprodução, neurotóxico, e irritante para a pele e os olhos”. No entender do agrónomo “produtos como este não deveriam ser aprovados em Angola, menos ainda nesta situação em que está a ser manuseado empiricamente em alguns locais, colocando em risco a saúde de quem os aplica, das populações ao redor e a segurança ambiental”.

Para controlo destas pragas, Bingobingo sugere o recurso a biopesticidas ou a meios de luta alternativos como a luta biotécnica, através da utilização de feromonas ou de predadores como a China fez usando patos nas fases iniciais da praga que carecem de preparo antecipado.

Bichos no cardápio

Os ‘gafanhotos vermelhos’ que estão a destruir as lavras dos camponeses no Sul do país são comestíveis e também podem ser aproveitados para o fabrico de ração animal, à guisa de outros países africanos, aconselha o consultor da FAO. Domingos Panzo

diz mesmo que não devemos subestimar o potencial dos gafanhotos em termos alimentares. “Por recomendações de entidades como a própria FAO, temos que perceber que, no futuro, teremos de incluir na dieta regularmente insetos, porque a criação de gado

bovino, por exemplo, provoca metano que destrói a camada de ozono”, explica.

Domingos Panzo cita o exemplo do Quénia onde os gafanhotos são apanhados à noite através de redes e depois, além de servirem como petisco comercializado em supermer-

cados, são também processados para a ração animal.

No caso angolano, observa o consultor, “o que se recomenda é que os gafanhotos não devem ser consumidos, por serem migratórios e por isso estão sujeitos a serem envenenados em várias direcções”.

Observatório



Mário Marques © VE

DOMINGOS PANZO, CONSULTOR DA ORGANIZAÇÃO DA ONU PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO)

"Os gafanhotos já 'varreram' mais de 26 mil hectares no Sul do país"

Especialista considera "complexa" a luta contra os gafanhotos e defende que "a tática passa pelo recurso a biopesticidas", sublinhando que "o objectivo não é acabar com eles, mas reduzir a sua população". Domingos Panzo revela que os insectos, os maiores de grupos de herbívoros, já 'lavraram' mais de 26 mil hectares de cultivo e pasto. A FAO aguarda por um por financiamento adicional de 1,5 milhões de dólares a ser repartido por cinco países.

Por xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

A

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) já lida com as pragas de gafanhotos

há muitos anos em muitos países da Ásia e da África oriental, mas

com resultados pouco expressivos. Como será em Angola?

O que temos estado a fazer é reduzir a densidade populacional destes insectos.

Não é possível erradicá-los?

Começámos por elaborar um plano de contenção que tinha uma estratégia preventiva. Logo que nos demos conta do surgimento da praga, em 2020, o Ministério da Agricultura e Pescas preocupou-

-se e contactou a FAO. O plano de contenção visava munir as províncias de meios e conhecimentos para enfrentar a propagação. Na sequência, a praga desapareceu, mas depois voltou ao Kuando-Kubango, onde temos estado a trabalhar intensamente. Só que este ano houve uma expansão dessa praga para o Cunene e recentemente também foram afectadas Benguela, Namibe e Huíla. A estratégia era preparar as províncias fronteiriças

para uma eventualidade de uma evasão dos gafanhotos.

Mas a ameaça espreita o resto do país?

Sim, as províncias estão a ser invadidas. O que estamos a fazer é aplicar o plano traçado pelo Governo, adquirindo equipamentos especializados para o controlo, nomeadamente biopesticidas e equipamento de protecção individual. Além disso, traçou-se um plano de gestão de risco para a

população que pode ser afectada devido ao uso de biopesticidas que têm sido utilizados nas suas áreas. Esse plano contempla a evacuação, mantendo-as em zonas seguras com a provisão de mantimentos e ração para o gado. Portanto, este plano, que consta da estratégia governamental, envolve medidas de protecção da população, monitoramento das pessoas eventualmente expostas aos produtos químicos, como membros das brigadas de controlo.

“Estivemos a trabalhar numa acção regional de contenção de gafanhotos e recebemos cerca de 450 mil dólares de fundos de emergência da FAO e da Bélgica que serviram até aqui para aquisição dos meios que utilizamos para a contenção da praga.”



Esses pesticidas também podem matar outras espécies, importantes para o equilíbrio da natureza?

A FAO é um organismo que prima pelas questões ambientais. A praga tem duas facetas. Às vezes, é inevitável o uso de produtos químicos. É por isso que tem sido feita a selecção de pesticidas menos prejudiciais à saúde. Portanto, a intenção é evitar para que não aconteça o pior durante a intervenção.

Não há um pesticida específico?

O grupo de referência tem uma lista com mais de uma dezena. Temos pesticidas e biopesticidas. Só que os que existem são mais adequados para ninfas. Adquirimos metarizão produzido em Marrocos. Estamos em crer que, havendo nova geração de gafanhotos, aplicaremos, mas é preciso seleccionar devidamente para não arriscar vidas durante a intervenção. Estamos aqui para ajudar o Governo na luta contra essa praga e a fome.

A cipermetrina, de fabrico chinês, que estará supostamente a ser utilizada na pulverização contra gafanhotos na Huíla, não entra nessa lista?

Entra sim no conjunto de biopesticidas admissíveis. No entanto, pode se colocar o facto de ser produto expirado e se assim for não actua. No entanto, estivemos recentemente na Huíla e deixamos recomenda-

Perfil

O agrónomo e investigador

Licenciado em Agronomia no Huambo, é consultor da FAO para a área de Sanidade Vegetal e doutorado em fitotecnia. É investigador do Instituto de Investigação Agronómica (IIA). Vê com agrado o ressurgimento do IIA no Planalto Central porque "potencia a investigação", naquele que já foi um dos maiores centros de investigação veterinária de África depois do da África do Sul.

ções com base nos pesticidas específicos recomendados, incluindo o metarizão que é um produto novo.

Mas este produto não periga, por exemplo, abelhas e moscas que também são insectos?

O metarizão é um fungo isolado e tipificado por empresas marroquinas e não provoca danos. O problema, porém, tem que ver com os pesticidas químicos. Mas uma das medidas é usar um baixo volume desses pro-

duto com doses ultra-baixas. Portanto, aplicar de meio litro a um litro por hectare é um nível que não provoca danos consideráveis aos mamíferos, ou mesmo ao homem.

Mesmo assim ainda é um risco?

Preserva grande parte das espécies. Aliás, a população tem sido objecto de comunicação de risco, e transferida para locais de segurança, onde permanece para evitar a contaminação, até que se cumpra e sempre que ocorra pulverização na área onde reside.

Quantas pessoas terão sido arrancadas de casas devido à pulverização?

Tivemos um caso no Kuando-Kubango, na localidade de Caila, onde pulverizámos 350 hectares e ali tivemos de salvar a vida de 35 famílias.

Referiu-se ao biopesticida apenas de combate a gafanhotos pequenos. E quanto aos adultos?

A tática é apenas reduzir com recurso ao mesmo produto. Volto a reiterar que o metarizão não tem uma acção nociva.

Qual é a área afectada?

É difícil estimar a área afectada que conseguimos controlar. Por esta altura, estima-se em 26 mil hectares. Mas acredito que haja mais zonas afectadas. Porque o problema que se coloca é do difícil acesso a diferentes

áreas. E quando estamos a falar de áreas, não são apenas as que se referem ao cultivo, mas também contabilizamos o pasto para os animais.

Não há meios que permitam chegar a estimativas?

No Namibe, continuamos a descobrir novos focos, voando pela província.

Pode apresentar o universo de pessoas afectadas?

Ao nível de Angola, ainda não existem estimativas, mas se olharmos para toda a região dos cinco países afectados, incluindo Namíbia, Zâmbia e Botsuana, podemos falar em 1,1 milhões de pessoas.

E em termos financeiros?

Estivemos a trabalhar numa acção regional de contenção de gafanhotos e recebemos cerca de 450 mil dólares de fundos de emergência da FAO e da Bélgica que serviram até aqui para aquisição dos meios que utilizamos para a contenção da praga. Estamos à espera, na próxima semana, de um valor adicional de cerca de 200 mil dólares da FAO para dar continuidade ao programa. Além disso, estamos a lutar por um financiamento adicional ao nível da região de 1,5 milhões de dólares a ser repartido pelos cinco países afectados.

Decididamente, esta é uma batalha sem fim à vista?

Temos de continuar a agir, atacando a praga nas fases mais sensíveis de ninfa e de reprodução para que possamos reduzir, ao máximo, a densidade populacional. O objectivo não é eliminar, mas diminuir o bando de gafanhotos e, desta forma, evitar esse desastre que provoca a agricultura. Houve um desequilíbrio que permitiu que a população desses insectos crescesse, entre o calor e as enchentes provocadas pelas chuvas. Refiro-me às condições de seca e humidade.

Desaparecem num ponto, mas surgem logo noutro...

O grande perigo é que a praga é transfronteiriça. Os gafanhotos podem voar 100 quilómetros por dia e são polípagos, quer dizer, comem tudo. Por isso, é que voltaram ao Kuando-Kubango. Se, por exemplo, forem combatidos na Namíbia, entram em Angola e vice-versa, em busca de alimento e de locais de nidificação.

Nesse contexto, não será atirar dinheiro ao ar?

Temos de visitar as áreas de nidificação para destruir as larvas e os ovos.

É difícil estimar a área afectada que conseguimos controlar. Por esta altura, estima-se em 26 mil hectares. Mas acredito que haja mais zonas afectadas.

O grande perigo é que a praga é transfronteiriça. Os gafanhotos podem voar 100 quilómetros por dia e são polípagos...

Temos de continuar a agir, atacando a praga nas fases mais sensíveis de ninfa e de reprodução para que possamos reduzir, ao máximo, a densidade populacional.

Observatório



NÚMEROS

2,5

Bilhões de pessoas já consomem insectos, principalmente no continente asiático, sendo o gafanhoto exactamente o mais consumido.

70

Porcento do gafanhoto é composto por proteína. O insecto contém ainda aminoácidos essenciais

4,3

Mil milhões de dólares é o que deve valer o mercado de insectos até 2025, segundo estimativa da consultora Artcluster

14

Pedidos de farinha de insectos estão pedentes a aguardar pelos resultados dos estudos

De praga a comida

Por Redacção

A praga de gafanhotos de proporções bíblicas e que se desloca em nuvens a engolir as lavras pelo caminho seria mais bem-vinda noutros meios. Hoje em dia mais de 2.5 biliões de pessoas já consomem insectos, principalmente no continente asiático, sendo que o que é mais comido é exactamente o gafanhoto.

A Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos anunciou em Março deste ano a aprovação de farinha de insecto, que inclui larvas, besouros e outros insectos crocantes. Estão em estudo outros 14 pedidos pendentes com base em grilos e gafanhotos.

A consultora Artcluster prevê que o mercado de insectos vai crescer dez vezes até 2025 para valores em torno dos 4,3 mil milhões de dólares, e já atrai as atenções de gigantes da indústria como a Nestlé e a Cargill.

E se a escolha parece arrepiante para muitos, o racional é indiscutível. Os insectos tem um valor proteico muito elevado sem o colesterol e gorduras más da carne, mas sobretudo com menor consumo de investimento, menos água e menos terra, e menor impacto ambiental. O gafanhoto é composto em 70% por proteína, contem aminoácidos essenciais e, dizem os experts, têm um sabor razoavelmente neutro. O único aviso de saúde emitido pela FAO vai mesmo para os gafanhotos que tenham sido expostos a pesticidas perigosos para consumo humano.

A farinha que já é utilizada para ração animal em muitos países pelo valor nutricional, e estão em estudo diferentes produtos que passando pela estética estão a ser adaptados para suplementos desportivos, bolachas sendo a aposta cada vez mais colocar os insectos no cardápio da cadeia alimentar mundial.

Com o olho neste mercado, uma companhia israelita, a Hargol (que significa gafanhoto em hebraico) apostou na produção em escala de gafanhotos para consumo humano e o director

MEMORIZE

- **Em Angola**, na província do Uíge o gafanhoto é consumido e considerado iguaria. Em mais países e regiões têm tradições de consumo de gafanhotos que se vão tornando validadas pelo estudos do seu valor nutricional e carácter sustentável. O único aviso de saúde da FAO vai para os gafanhotos que tenham sido expostos a pesticidas.

executivo, Dror Tamir explicou em entrevistas que cresceu também a ouvir falar dos gafanhotos como praga. Tamir explica que passou a olhá-los como negócio porque percebeu que alimentar a população mundial com produção de carne seria insustentável devido a previsões de que a população mundial vá chegar em 2050 a 10 biliões de pessoas, sendo a proteína basilar para a alimentação humana mas dispendiosa de produzir em escala com custos ambientais também.

A sua empresa já produz panquecas e batido de gafanhoto que

comercializa com um olho no mercado norte americano, mas Tamir confessa que o 'factor nojo', ainda é uma dificuldade. Com a aprovação dos gafanhotos pela autoridade europeia, o mercado vai certamente aumentar assim como a diversidade de produtos alimentares com base em insectos.

Em muitos países afectados pela praga e já com problemas de segurança alimentar o consumo de insectos, e uso para ração animal faz cada vez mais sentido, particularmente se analisados os riscos para a saúde humana associados ao uso de pesticidas sem preparação. E muitas comunidades fazem e faziam isso mesmo no passado, em partes de África, América Central e Asia. Israel no passado recebia pragas com baldes para encher e consumir e dar a consumir aos animais.

Em Angola, na província do Uíge o gafanhoto é consumido e considerado iguaria mas muitos mais países e regiões têm tradições de consumo de gafanhotos que se vão tornando validadas pelo estudos do seu valor nutricional e carácter sustentável. Poderão os gafanhotos passar de praga a negócio?

Custa dizer, mas a solução emergencial será a pulverização com pesticidas, como tem sido feito até agora. No entanto, muitas das substâncias activas dos pesticidas são altamente perigosas para a saúde humana e meio ambiente

Estratégia para controlar a praga de gafanhotos em Angola



Adriano Braga Bingobingo, engenheiro agrónomo

tem a ser favoráveis. A praga é capaz de percorrer cerca de 150 km em um dia, isso faz com que migre rapidamente para outras regiões onde há melhores condições de habitabilidade, portanto, se forem negligenciadas, rapidamente invadirão outras províncias como Huambo, Bié, Cuanza Sul, e então será o apocalipse da produção nacional.

O QUE TEM SIDO FEITO

Custa dizer, mas a solução emergencial será a pulverização com pesticidas, como tem sido feito até agora. No entanto, muitas das substâncias activas dos pesticidas são altamente perigosas para a saúde humana e meio ambiente. Esses produtos quando manuseados podem causar uma série de problemas ambientais e sociais, contaminado o ecossistema e causando esterilidade de pessoas e animais, e em casos extremos a morte. Infelizmente na ânsia de controlar esta praga, aplicações de pesticidas têm sido feitas empiricamente no país. Têm se observado pessoas a pulverizarem com equipamentos dorsais (costais) e sem Equipamentos de Proteção Individual adequados e, acredita-se também que não tem havido um controlo rigoroso das pessoas que vivem ao redor das áreas tratadas.

Esses tipos de pulverizações matam apenas alguns poucos indivíduos e geralmente em fase de ninfas (estados juvenis) e menos sociais e, são mais eficientes quando os gafanhotos estão pausados (geralmente a noite). Assim, esse tipo de estratégia não servirá para solucionar a situação.

Em algumas regiões do país são feitas aplicações de pesticidas à base de cipermetrina (piretroide) e clor-

pirifos (organofosforado), sendo o uso deste último não aprovado em muitos países na União Europeia e Reino Unido. Este é um pesticida de baixa solubilidade aquosa, moderadamente persistente em sistemas de solo. É altamente tóxico para os mamíferos, pássaros, peixes, invertebrados aquáticos e abelhas melíferas e é classificado como tóxico para a reprodução, inibidor da acetil colinesterase e neurotóxico. Também é irritante para a pele e os olhos. Portanto, produtos como este não deve-

QUAL É A MELHOR ESTRATÉGIA?

A solução é conhecida por muitos, e tem que ser levada a cabo a nível regional (centro-sul do país) ou mesmo nacional. Trata-se da criação de planos de contingência para mitigar os focos actuais e as ocorrências futuras. Apesar de ser oneroso, é urgente a criação de emergência de uma equipa multissetorial, liderada por engenheiros agrónomos e biólogos, entre outros (académicos e investigadores), que encontre uma solução que seja social e ambientalmente sustentável.

Para maior eficiência no controlo da praga, a aplicação do pesticida deverá ser por pulverização aérea (usando aeronaves por exemplo) e terrestre (por nebulização), dando primazia aos produtos menos agressivos ao meio ambiente. Tendo em conta a educação da população, sobretudo das zonas rurais, que poderá ser exposta aos pesticidas caso não seja devidamente controlada, a escolha da substância activa deve ser criteriosa.

Há estudos que mostram a eficácia de um biopesticida à base de fungos entomopatogénicos para gafanhotos sendo que, dada a sua especificidade e nula toxicidade para pessoas e animais domésticos, poderá ser uma boa escolha.

Não obstante a isso, a União Europeia tem um plano de reduzir até 2030, a utilização dos pesticidas na agricultura até 50% e, sendo parceiro estratégico de Angola e

financiadora de muitos projectos no país apenas aconselhará o uso de pesticidas em última instância. Assim, essa equipa multissetorial será desafiada a buscar outras soluções, incluindo a integração de meios de luta alternativos à luta química como a utilização de luta biotécnica (todos os meios passíveis de certa manipulação como a utilização de feromonas) e luta biológica desde a acima referida aplicação de um biopesticida, ou de predadores, tal como a China fez em 2020. Neste sentido, a utilização de algumas aves, como por exemplo os patos, poderá ser útil para eliminar os instares mais jovens da praga.

As feromonas são substâncias produzidas pelos insetos que desencadeiam determinados comportamentos nos indivíduos da mesma espécie. Dada a sua especificidade (só atuam em indivíduos da mesma espécie) a sua libertação no meio é muito segura. Há várias décadas que nos pomares de macieira da Europa são libertadas feromonas miméticas da feromona que a fêmea do bichado da maçã liberta para assim confundir os machos da mesma espécie e impedir o acasalamento e, dessa forma, reduzir as populações desta praga. Estudos recentes permitiram identificar a feromona que é produzida pelos gafanhotos migratórios sendo responsável pela formação de grandes agregados. A produção sintética e libertação no ambiente de uma substância mimética desta feromona poderá controlar os enxaimeamentos e evitar os elevados prejuízos que causam.

Acredito que Angola é um país abençoado e que os Governantes são pessoas de bem, e tomarão a decisão correcta e imediata para mitigar os efeitos dessa praga no país. Que Deus abençoe a nossa nação (ANGOLA), dando-nos forças e sabedoria para agirmos nesse momento.



Os relatos de ataques de pragas de gafanhotos não são novos, e os seus estragos remontam à era dos patriarcas (Bíblia Sagrada, livro de Êxodo 10:4). Há informações de que no final do século XIX e princípio do século XX houve uma conjugação de praga de gafanhotos, fome e doenças, e acredita-se que a História se esteja a repetir. Muitos países, dentre os quais a China, Brasil, Egíptio e Quênia, têm relatado a presença dessa praga nos seus territórios. Esta é uma das consequências das alterações climáticas, e segundo a ONU, trata-se de uma nuvem de gafanhotos capaz de se alimentar de cerca de 192 milhões de Kg de vegetação em um dia, e 2,7 milhões de toneladas de cereais em um ano, acabando assim com o alimento de mais de 18 mil pessoas.

Devido ao seu impacto na agricultura familiar (responsável por mais de 85% da produção nacional) caso a praga não for controlada em Angola, vai impactar directamente a vida de mais de 80% da população. Isso trará mais insegurança alimentar no país (em casos extremos mortes), obrigando o Governo a incorrer em mais dívidas para importar alimentos.

A praga é periódica e os níveis populacionais baixam, para níveis economicamente aceitáveis, quando escasseiam as fontes de alimentação e as condições climáticas se tornam menos favoráveis, e assim se mantêm durante meses ou anos até que as condições do meio vol-

Economia/Política

ADIAMENTO JUSTIFICADO COM A PANDEMIA

Visita de avaliação do GAFI remarcada para 2022

BRANQUEAMENTO DE CAPITAIS. Depois de retirar Angola da 'lista cinzenta', em 2016, organismo substituiu o acompanhamento permanente directo por avaliações temporárias. Procedimento está em curso, mas a avaliação 'in loco' acontecerá apenas no próximo ano.



Especialistas do GAFI estão neste momento na África do Sul

Por César Silveira

A visita de avaliação do Grupo de Acção Financeira contra a Lavagem de Dinheiro e Combate ao Terrorismo (GAFI), prevista para este ano, foi remarcada para Março de 2022, devido às limitações e alterações impostas pela pandemia.

Fonte ligada ao dossier esclareceu, entretanto, ao VALOR, que, apesar da remarcação da deslocação dos técnicos a Luanda, já arrancou o processo de avaliação, no fim do qual será emitido um relatório sobre a situação do

país, havendo quem acredite que a nota será negativa.

“Será levantada uma série de questões e será dado um prazo, de um ou dois anos, para Angola limpar essas não conformidades. Mas, a partir do momento em que sai o relatório de avaliação na página do GAFI, o que é que vai fazer o correspondente bancário? Vai dizer que Angola é um país de alto risco e vai abster-se da correlação, ainda que o GAFI não coloque Angola numa lista cinzenta”, defendeu, por exemplo, Andrea Moreno, em entrevista ao jornal ‘Expansão’.

Fonte governamental considera, entretanto, “difícil” antecipar o desfecho da avaliação, uma vez que depende de vários factores, incluindo dos técnicos que vão

MEMORIZE

● Depois de colocar e retirar Angola da sua 'lista negra', em 2010, colocando-a na cinzenta, o GAFI ameaçou, em 2015, recolocar o país na 'lista negra', mas 2016 o país conseguiu melhorar a sua condição.

mandar para Angola e das respostas que forem dadas pelas pessoas a serem entrevistadas no país. “Há um conjunto de coisas que serão avaliadas e por isso custa prever qual será o desfecho. A África do Sul, por exemplo, está a ser avaliada agora e nenhum sul-africano consegue dizer qual será a decisão”, justifica.

Timeline

Fevereiro de 2010:

GAFI inclui Angola na 'lista negra', devido às fragilidades no combate aos crimes de branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo, uma realidade condenada pela instituição, sobretudo, no caso de países, cujo activo da banca supera os 5 mil milhões de dólares.

Julho de 2010:

Estado angolano compromete-se a elaborar um plano de acção com vista a superar as referidas debilidades. Compromete-se a cumprir com o plano de acção elaborado pela GAFI que, como resultado, retira Angola da 'lista negra' e coloca-a na 'lista cinzenta’.

Fevereiro de 2011:

Angola é apresentada, numa das três reuniões anuais, como um dos países que pouco tinha evoluído. “Apesar do alto nível de comprometimento político, o GAFI ainda não está convencido de que Angola fez progressos suficientes na execução do seu plano de acção, e certas deficiências estratégicas permanecem”, lê-se no relatório da primeira das três reuniões de 2011.

Fevereiro de 2012:

A organização sublinha que, “desde Outubro de 2011, Angola tem dado passos no sentido de melhorar o seu regime contra o branqueamento de capitais e contra o financiamento ao terrorismo, incluindo através da adopção de uma nova Lei contra financiamento ao terrorismo”. No entanto, determinou que certas deficiências estratégicas de luta contra o branqueamento de capitais e contra financiamento ao terrorismo permaneciam.

Fevereiro de 2013:

O GAFI informa que reforçou o plano de acção inicial de Angola, indicando que o país havia sido sujeito a uma avaliação mútua. O grupo referiu ter identificado “deficiências estratégicas adicionais e estas foram incluídas no plano de acção revisto, ao qual foi fornecido um compromisso político renovado”. Entre as

propostas, destacava-se a necessidade de criação de uma lei que permitisse a extradição por crimes de branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo.

Fevereiro de 2014:

Nesta reunião, Angola deveria apresentar a lei que permitia a extradição por crimes de branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo, mas o documento ainda não estava pronto. Como solução, a organização deu uma moratória no sentido de Angola apresentar a lei na reunião de Fevereiro de 2015.

Fevereiro 2015:

Angola volta a participar da reunião sem o referido documento e recebe uma moratória de mais três meses. Ou seja, na reunião de Junho de 2015, caso não apresentasse a lei, voltaria a integrar a 'lista negra’.

Junho de 2015:

É aprovada a lei 13/15 da Cooperação Judicial Internacional em Matéria Penal, mas depois de os representantes de Angola no encontro terem deixado já o país, acreditando que participariam da reunião sem o documento. No entanto, recebem algumas horas antes do encontro e apresentam no encontro.

Outubro de 2015:

OGAFI considera que “Angola tem feito progressos significativos para melhorar o seu regime” e marca “uma visita ‘in loco’ para confirmar que o processo de implementação das reformas e acções necessárias está em curso para corrigir as deficiências anteriormente identificadas”.

Janeiro de 2016:

Angola recebe visita dos técnicos do GAFI.

Fevereiro de 2016:

O GAFI anuncia que Angola deixava “de ser objecto de acompanhamento do GAFI no âmbito do seu processo global em curso de conformidade de luta contra o branqueamento de capital e financiamento ao terrorismo”. Ou seja, o país deixava a 'lista cinzenta’.

Apesar de considerar “injusto dizer-se que não houve evolução nos processos”, a fonte governamental admite a existência de muitos requisitos por cumprir. “São muitos aspectos, podem levar mais de 10 anos para o cumprimento”, detalha, negando-se a analisar a possibilidade de Angola voltar para a

lista cinzenta ou mesmo para a lista negra. “A organização não existe para penalizar os países, mas para ajudar. Porque é que voltaria para a lista cinzenta? Angola só entrou na lista negra em 2012 porque não se falava do tema, não existia sequer a UIF, não existia legislação nenhuma”, defende.

A AGÊNCIA NACIONAL DE PETRÓLEO, Gás e Biocombustíveis (ANPG) organiza nos dias 27 e 28 de Maio a 1ª Conferência Internacional sobre Gestão de Dados Petrolíferos com o tema central: O Impacto da transformação Digital na Gestão de Dados Petrolíferos.

LIDERANÇA E INFRA-ESTRUTURAS

Bartolomeu Dias e Luís Cupeñala encaram desafios de África

ANÁLISE. Dois empresários com experiências e vivências internacionais falam do que o continente precisa para ultrapassar os grandes desafios: défice dos dirigentes e falta de infra-estruturas adequadas.

Por Gil Lucamba

O continente não pode depender de caridade para melhorar as condições das suas populações e para contornar a situação de “quase de impasse” que se coloca ao seu desenvolvimento. Quem o diz é o empresário Bartolomeu Dias, quando convidado a analisar os desafios de África na celebração dos 58 anos da fundação da Organização da Unidade Africana (OUA).

“Tenho assistido, várias vezes, ao exercício que alguns líderes africanos fazem de quererem ir a outras partes buscar oportunidades ou consolo. No meu ponto de vista, é reprovável, porque África tem condições para caminhar sozinha com o seu povo, tem intelectuais e tem capacidade humana muito forte”, sublinhou o empresário, que ilustra a sua tese com os exemplos de um nigeriano ter con-

seguido decifrar um código que há 30 anos no Japão não se conseguia e de um camaronês que se encontra na agência espacial norte-americana, a NASA. “Há pessoas que, de forma anónima, se têm destacado nos vários pontos do mundo e aqui em África não encontram suporte nem do governo, nem de pessoas com capacidade de manter essa capacidade interna em África”, lamentou.

Bartolomeu Dias destacou as potencialidades naturais do continente e apontou o défice das lideranças em África como um desafio que o continente deve ultrapassar para “sair do fundo do poço”. “Os dirigentes africanos têm défice, não digo todos, porque nós começamos a ver alguns a destacarem-se no desenvolvimento dos seus países, como é o caso patente do presidente do Ruanda e do falecido presidente da Tanzânia.”

EVASÃO DE CAPITAIS

Para o empresário, a falta de estabilidade política, social e económica, leva muitas pessoas, “mesmo as que não roubam”, a guardar o seu dinheiro em lugares que acreditam ser seguros. Essa atitude prejudica o continente que, sem investimentos, “nunca vai ser seguro”. O débil sistema de justiça também contribui para isso. “Quando a justiça é parcial, quando a justiça é controlada politicamente, quando a justiça não é a justiça de facto, nós temos esses problemas”, atesta, observando que a corrupção não poupou a justiça. “Temos muito bons juizes, mas, no meio disso, também temos péssimos.”

Sobre a Zona de Comércio Livre, Bartolomeu Dias, que assistiu à assinatura do acordo no Ruanda, acredita na iniciativa, mas adverte que os países subscritores devem



Luís Cupeñala



Bartolomeu Dias

30

Milhões, africanos que caíram na pobreza extrema em 2020.

criar estratégias para não serem “simples consumidores”. Angola, entende, tem de criar essas capacidades para competir, em equilíbrio, com países que possuem um sector financeiro e industrial forte.

DÉFICE DE INFRA-ESTRUTURAS

Falta também ao continente infra-estruturas rodoviárias, ferroviárias, eléctricas e de telecomunicações adequadas, de acordo com Luís Cupeñala. A isso, entende o empresário, acresce-se a falta da industrialização do continente para produzir bens com valor agregado e exportáveis para o mercado internacional.

Na lista das insuficiências, Cupeñala acrescenta a investigação científica e a aposta nas novas tecnologias, além de um ambiente de negócios “consistente e políticas públicas adequadas”.

Este homem de negócios, que conta com experiência empresarial no continente, defende ainda a circulação de bens, capitais, pessoas e tecnologias entre os 54 países. “Estamos certos de que os acordos de livre comércio continental assinados e ratificados pelos governos e chefes de estados africanos possam dar um novo alento e esperança”, antecipa.

A instabilidade política, económica e social, ainda prevalecente em algumas regiões do continente, soma-se a outros problemas que impedem os avanços económicos, o progresso e o desenvolvimento sustentável do continente africano.

RELAÇÕES ÁFRICA-CHINA

Aos olhos do presidente da Câmara

de Comércio Angola-China, a relação do gigante asiático com África é “bastante próspera”, argumentando que a China compreendeu cedo “os pontos fracos” do continente. “A China definiu oito grandes iniciativas que passam necessariamente por interconectar o continente com infra-estruturas adequadas, a agricultura, industrialização e a aposta na educação com qualidade e estimular o uso das novas tecnologias bem como a investigação científica, de entre outros pontos”, enumera, ao mesmo tempo que desafia o continente a oferecer uma “liderança ousada e visionária” na cooperação estratégica com a China.

PIOR RESCISÃO EM 50 ANOS

Segundo o relatório do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), em 2020, África sofreu a pior recessão em mais de 50 anos, devido à pandemia da covid-19, visto que o seu PIB diminuiu em 2,1%. Para 2021, o BAD prevê um aumento de 3,4% no PIB africano.

O incremento recente das despesas com juros como parte das receitas compromete, para muitos países, a capacidade de cumprirem as obrigações da dívida prestes a vencer, diz o documento, que enfatiza a decrescente liquidez disponível de muitos países.

O relatório diz igualmente que problemas relacionados com a governação económica, a corrupção e a má gestão foram identificados como causas dos episódios de sobreendividamento que ocorreram recentemente em alguns países.

Cerca de 30 milhões de africanos caíram na pobreza extrema em 2020, em resultado da pandemia, e estima-se que cerca de 39 milhões de africanos possam cair na pobreza extrema em 2021.

Mercados & Negócios



Frota da Tcul
circula
sem seguro

QUEIXAS DO SINDICATO CHEGAM À IGAE

Sindicato denuncia “máfia” na gestão da TCUL

TRANSPORTES. Autocarros circulam sem documentação e sem seguro. Sindicalistas apresentaram queixa ao Igae e denunciam esquemas para a apropriação de veículos.

Por Redação

Um legado de esquema de transferência de titularidade de autocarros da TCUL para a esfera privada estará a ser montado por gestores da empresa, segundo uma denúncia da comissão sindical da transportadora que deu entrada na Inspeção Geral da Administração do Estado (Igae).

Entre os indícios da alegada “máfia”, os sindicalistas apon-

tam a falta de documentação da frota da empresa, omissão que consideram “propositada”, já que facilita a passagem dos meios da tutela do Estado para interesses privados. “Dentro de três anos, as viaturas vão passar do sector público para o privado, sendo que estas empresas privadas são desta máfia que controlam o sector dos transportes públicos. O Estado não tem o controlo da quantidade de autocarros que estão a circular na cidade de Luanda. Estamos insistentemente a denunciar mas, neste país, parece que não há instituições”, afirma Domingos Palanga, responsável sindical que confirma a entrada da denú-

ncia no Igae, de quem aguardam uma resposta, depois de terem batido portas de outras instituições sem sucesso.

O sindicalista acredita que se trata de “uma máfia extremamente forte” com ligações a vários departamentos ministeriais, visto que a empresa é tutelada pelos ministérios da Economia, das Finanças e dos Transportes. “Os novos autocarros que circulam pelas ruas de Luanda, nos próximos dois anos, serão propriedades deles quando os carros têm tempo de vida útil de oito anos, tempo suficiente para produzirem um valor igual ou superior ao custo dos próprios transportes além

de outras facturações”, calcula

Com uma facturação diária estimada em 8 milhões de kwanzas, a TCUL, confere o responsável sindical, possui hoje mais de 150 autocarros, quase o quádruplo da frota que controlava pelo menos até 2018, contabilizada em menos de 40 viaturas.

Notando que “parte significativa” das viaturas entregues pelo Estado no ano passado “está a ser partida”, Palanga explica que a entidade patronal constituiu uma comissão de técnicos para movimentarem as viaturas das bases convencionais da TCUL para um terreno no Zango 4, e admite que os sindicalistas temem pelo emprego, por causa desta reivindicação.

SEM SEGUROS

Além dos problemas com a frota, os sindicalistas mencionam a falta de seguros como outro dos problemas que enfrentam. “Não

pagam seguros dos autocarros, estão nas ruas a circular e questiono-me se pagam taxa de circulação”, alerta, antecipando uma greve de fome dos funcionários da TCUL por cinco dias, a partir desta semana. “Talvez, desta forma, os dirigentes deste país tenham a sensibilidade da situação gravíssima da TCUL”, refere, ao mesmo tempo que enumera os mais afectados e que estão sob a ameaça de despedimento. “Trabalhadores que estão há mais de 30 anos de serviço, faltando apenas um ano para ir para a reforma, mães solteiras, deficientes, antigos combatentes com protecção especial do Estado, assim como um conjunto de jovens cobradores, condutores, e fiscais.”

O VALOR tentou contactar o PCA da TCUL várias vezes, mas sem sucesso. Outro membro da administração negou comentar, sem autorização.

A ENSA SEGUROS DE ANGOLA vai lançar a 27 de Maio, durante a 10ª Edição da Feira Internacional de Benguela (FIB), o “SAÚDE JOVEM”, seguro de saúde destinado a pessoas com idades entre os 10 e 25 anos e repartido em três planos: “Top”, “Mais” e “Fixe”.

CASO REMETIDO À PGR

BFA e antiga administradora em litígio

Por Redacção

O BFA e a ex-administradora Manuela Moreira poderão confrontar-se em tribunal, caso a PGR junto da Sala de Trabalho de Comarca de Belas não consiga ultrapassar, por mediação, o conflito que se instalou com o afastamento definitivo da gestora de entre os quadros do banco.

Fonte ligada ao processo assegura que Manuela Moreira deu entrada da contestação, esta segunda-feira, com o argumento de que, depois de ter sido forçada a deixar o lugar na administração, na sequência das acusações que pesavam sobre si, deveria continuar na instituição e nas funções imediatamente anteriores, depois da decisão do BNA que lhe foi favorável.

A instituição tornou oficial a

desvinculação da ex-administração há cerca de três semanas, ou seja, alguns dias depois da decisão do BNA sobre o processo em que Manuela Moreira era acusada de ter violado “em acto contínuo o disposto na Lei nº 34/11, de 12 de dezembro, conjugado com o aviso 22/2012, de 25 de abril, punível nos termos da alínea i) artigo 152 da lei n 12/15, de 17 de junho, Lei de bases das instituições financeiras”.

O referido artigo, no caso o 152 da Lei de Base das Instituições Financeiras, trata das contrações especialmente graves, prevendo multas que oscilam entre os 300 mil e 500 milhões de kwanzas.

No entanto, face aos argumentos de defesa, o BNA deu “provisório à contestação” da então administradora e retirou a acusação de crime de branqueamento de capitais com que abriu o processo e aplicou apenas “a sanção de admoestação registada”. O BNA, porém, multou o BFA e outros envolvidos no processo,

cabendo à instituição bancária o pagamento de uma multa de 80 milhões de kwanzas.

Segundo fonte do BFA, perante a decisão do BNA, no banco passou-se a acreditar que Manuela Moreira, que aguardava o processo em casa, regressaria “ainda que não fosse para o conselho de administração”. No entanto, “a administração optou por este caminho [despedimento] que, ao implicar uma eventual disputa em tribunal, não será bom para a imagem do banco”, argumentou um quadro sénior da instituição.

Ao VALOR, nenhuma das partes manifestou interesse em comentar o assunto. O BFA justificou que “os temas relativos ao capital humano do BFA são internos, pautando-se o banco pelo estrito cumprimento da lei, pela adopção das melhores práticas e pelo respeito para com todos os seus colaboradores”, enquanto Manuela Moreira disse “estar descansada” e, por isso, não querer falar sobre o processo.



Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao
comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

Mercados & Negócios



TECNOLOGIA

Automação coloca em risco 32% dos empregos

Os avanços da tecnologia e da automação, impulsionados pela pandemia, colocam em causa, a prazo, pelo menos 32% dos empregos em Angola, segundo um levantamento elaborado conjuntamente pela Jobartis, Boston Consulting Group e a The Network.

O estudo feito no ano passado, mas só divulgado recentemente, dá conta que, apesar da tendência, o aumento da automação no mercado angolano ainda não atingiu níveis consideráveis, já que 67,8% dos empregos não são automatizados.

Entre os mais de quatro mil participantes, com idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos, dos quais 71% masculino e 28% feminino, 63% sem qualquer educação formal, 33% com qualificação secundária, 32% bacharéis, 25% mestres e 30% doutorados, encaram a automação como um risco para os seus empregos.

Segundo o estudo, num conjunto de vinte áreas diferentes, os profissionais que mais temem a automação são os ligados às artes e trabalho criativo, sector de serviços, marketing e comunicação, trabalho manual e fabricação, finanças e auditoria, administração e secretariado, energia, viagens e turismo.



SEM RESPOSTA DO BNA

Banco digital vira-se para o Brasil

BANCA. Banco Nacional de Angola assegura, ao VALOR, ter respondido ao pedido de licenciamento do banco, mas promotores negam ter recebido qualquer decisão e afirmam que procederam aos ajustes exigidos pelo regulador.

Por Guilherme Francisco

Os promotores do Dubank Angola, o que seria o primeiro banco angolano totalmente digital, levaram a iniciativa para o Brasil onde deve começar a operar este mês. Para obteção da autorização do regulador brasileiro esperaram cerca de seis meses, depois de terem aguardado dois anos por resposta do Banco Nacional de Angola, que, ao VALOR, garante já ter reagido.

“Em tempo útil, o BNA comunicou aos promotores da iniciativa em apreço a sua decisão, devidamente fundamentada nos termos do disposto na Lei n.º 12/15, de 17

de Junho, Lei de Bases das Instituições Financeiras e no Aviso n.º 9/2020, de 03 de Abril”, fez saber.

No entanto, o fundador e CEO do banco, Sérgio Hirose, nega ter recebido qualquer decisão do regulador. E explica que recebeu apenas orientações de pontos a melhorar no processo para que se efectivasse o licenciamento, mas, desde que deu entrada da documentação, com as alterações sugeridas, o banco não recebeu qualquer resposta.

Apesar do atraso, Sérgio Hirose continua esperançoso de um dia operar no mercado nacional, convicto de que lhe seja atribuída a licença de Prestador de Serviços de Pagamentos (PSP), à semelhança da operadora de telefones Unitel. “O nosso grande desejo é poder materializar o Dubank Angola pelo grande potencial que o país oferece no crescimento do mer-

2,4

Mil milhões de dólares, investimento no mercado da banca digital nos últimos cinco anos no Brasil

cado digital, podendo colaborar com a empregabilidade, educação financeira, redução do mercado informal e mostrando todo o benefício da formalidade e oferecer o que há de melhor no market place com parcerias com empresas privadas como seguros e imobiliárias”, explica.

Enquanto em Angola o processo se arrasta, no Brasil, o

Dubank já recebeu a licença do banco central em menos de seis meses, aproveitando o crescimento que se regista no mercado brasileiro. Nos nove primeiros meses deste ano, o sector cresceu 34% e atraiu 939 milhões dólares. Nos últimos cinco anos, foram investidos 2,4 mil milhões de dólares neste mercado, segundo de organizações ligadas a 'startups'.

Sérgio Hirose também está em contactos “bastante avançados” com as autoridades do Gana, Nigéria, Ruanda, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, depois de receber o convite para a materialização da ideia nestes mercados africanos.

Perante o atraso no projecto em Angola, Sérgio Hirose decidiu entrar no mercado imobiliário, com foco na mediação, apostando nas novas tecnologias.

www.bancobic.ao

**A nossa história é feita por
mais de 1.600.000 nomes.**
Seja um deles e entre
na família **BIC**.



16
BANCO
BIC
ANOS

O **Banco BIC** tem crescido ao longo destes **16 anos** pela dedicação e profissionalismo dos colaboradores e de todos os que estão ao nosso lado. Já são mais de **1.600.000** clientes e o sucesso de cada um constrói o nosso sucesso. Por isso, o nosso **obrigado** ao Wilson, ao Pedro, ao João, ao António, à Maria, ao Carlos e a todos os que estão connosco diariamente a **crescer e a fazer o futuro**.



BancoBIC

Crescemos Juntos

DE JURE

Taça Cheia

Todos os sábados,
às 19:00,
com
Sebastião Vemba

96.1 fm

Rádio Essencial

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Paralisação nos tribunais

Suspensa

GREVE. Magistrados judiciais e do Ministério Público do país lusófono devem recuar da decisão de paralisar o sistema de justiça. Na origem das reivindicações, está um projecto de reajuste salarial que o governo submeteu ao Parlamento para aprovação.

Por Redacção

Está prevista para esta terça-feira a suspensão da paralisação dos magistrados judiciais e do Ministério Público são-tomense, em protesto contra um projecto de reajuste salarial que o Governo enviou ao parlamento para aprovação.

Segundo a porta-voz dos magistrados judiciais e do Minis-

tério Público são-tomense, Vera Cravid, à Lusa, espera-se ver as reivindicações resolvidas a escrito, alguma documentação que diga que os pontos da carta reivindicativa estão aceites e irão ser resolvidas”.

Em causa está um projecto de reajuste salarial em toda a administração pública que o governo introduziu na mesa da Assembleia Nacional, que vai alterar o actual quadro salarial no país.

O projecto define como tecto máximo o salário do presidente da República, e sucessivamente da Assembleia Nacional, do chefe do governo e dos magis-

trados judiciais. Todos os salários mais baixos poderão ser duplicados, aumento que será feito através dos cortes dos salários mais altos.

Os magistrados judiciais e do Ministério Público garantem, em declarações a jornalistas, que esta proposta de reajuste retira 50% dos seus rendimentos, facto que o Governo nega.

A carta reivindicativa dos magistrados pretende evitar que a classe “caia na indigência”.

Nos últimos tempos e pelas mesmas razões, Angola também assistiu a várias reivindicações de funcionários do sector da justiça.



Magistrados reclamam reajuste salarial

PERDA DE VALOR DE MAIS DE 40%

Bitcoins em carrossel, investimento só para estômagos fortes

FINANÇAS. Volatilidade das famosas Bitcoins, criptomoedas ou ainda simplesmente moedas digitais ficou demonstrada quando, na semana passada, as perdas de valor em bolsa ultrapassaram mais de 40% em menos de um mês.



Por Redação

O que é a Bitcoin?

Há um certo mistério sobre a fundação da Bitcoin em 2009 mas sabe-se que foi adoptada por uns poucos entusiastas da ideia de ultrapassar as transacções monetárias com dinheiro ou recurso a cartões, tornando o pagamento de qualquer item inteiramente digital. A ideia é ameaçadora da continuidade da banca clássica, que depende de estrutura física, no entanto apresenta riscos de regulação que reduzem as protecções contra fraudes ou manipulações de mercado. O Banco Central Europeu entende que não são um grande risco para o sistema financeiro porque têm ainda pouca adesão comparada com mercados de títulos do tesouro que valem mais de vinte biliões de dólares ou de acções que valem mais de 45 biliões de dólares. A volatilidade continua a ser a maior dificuldade da moeda digital face à moeda normal porque não é possível manter fixo o seu valor o que é vital para previsão de despesas ou de poupanças por exemplo. Os especialistas aconselham a investimentos nas chamadas moedas estáveis como a Tether ou Binance que são colateralizadas com activos e que por isso registam menor volatilidade.

exógenos podem afectar o seu valor pode ser vertiginosa.

Na quarta-feira da semana passada o preço da Bitcoin caiu 29% e em 24 horas perdeu cerca de 70 mil milhões de dólares depois da associação de bancos da China ter emitido um aviso

para os membros sobre os riscos associados às moedas digitais aconselhando os bancos a restringirem produtos associados a este mercado. Para além da Bitcoin muitas outras moedas digitais registaram quedas abruptas, desde meados de Abril,

quando a referência, a Bitcoin, custava mais de 64 mil dólares por moeda.

O anúncio da associação chinesa foi mais um revés, depois de o regulador do sistema financeiro americano ter sugerido taxar as moedas digitais. Antes disso

foi a notícia de que a Tesla iria deixar de aceitar moeda digital como pagamento dos seus automóveis depois de ter anunciado em fevereiro, com pompa, que iria aceitar.

Na semana antepassada passada, Elon Musk, fundador da Tesla e confesso investidor em cripto, deu o dito por não dito e afundou o preço das moedas digitais num ápice. A Bitcoin voltou para abaixo dos 50 mil dólares por unidade. E continuou a perder valor à medida que Musk ia colocando Tweets que com memes e frases enigmáticas acerca do investimento em moedas digitais que iam instalando mais instabilidade no mercado. A influência de pessoas como Musk no mercado das criptomoedas é apontada como mais uma fraqueza das moedas digitais.

Quando parecia que Wall Street iria finalmente abrir mão da resistência típica da banca clássica e abraçar as moedas digitais, que já contam 18,7 milhões de unidades em circulação, registam mais de 300 mil transacções em média por dia num mercado que vale mais de 1.7 biliões de dólares, eis que o tombo que registam vem demonstrar que as digitais ainda não estão prontas para ser primeira opção para todos os investidores.

Porque são inteiramente digitais, linhas de código de computador, a velocidade a que eventos

(In)formalizando



CERCA DE 16,940 MILHÕES KZ

PREI disponibiliza 27,6% do crédito solicitado

Na última semana, foram registados 15 pedidos de crédito no valor de 61,3 milhões de kwanzas no âmbito do Programa de Reversão da Economia Informal (Prei), mas foram disponibilizados pouco mais de 16,940 milhões de kwanzas, representando uma taxa de financiamento de cerca de 27,6%.

De acordo com os dados do Ministério da Economia e Planeamento, do número de pedidos solicitados foram financiados sete candidatos, representando uma taxa de satisfação de 46%, enquanto a Facilcredit e a Nespecred foram as únicas instituições que atenderam aos pedidos.

A Facilcred foi a responsável pela cedência de 79,3% dos valores, ao atender nove pedidos e todos da categoria 'produtos e serviços da cadeia de agro-negócio'. A instituição disponibilizou pouco mais 13,440 milhões de kwanzas, ou seja, cerca de 35% do total que lhe foi solicitado (38,376 milhões).

Por sua vez, a Nespecred disponibilizou 3,5 milhões de kwanzas, apenas cerca de 15,2% dos 23 milhões de kwanzas solicitados. Beneficiaram as categorias 'logística e distribuição de produtos agro-alimentares e de pesca' (62 milhões de kwanzas), 'reciclagem de resíduos sólidos urbanos' (1 milhão) e 'processamento alimentar' com 500 mil kwanzas.

Segundo o Ministério da Economia e Planeamento, o stock de financiamento, desde o início da operacionalização da linha de crédito do Prei, situa-se em 1,9 mil milhões de kwanzas.

INCLUSÃO FINANCEIRA

BNA lança campanha de sensibilização no Uíge

O Banco Nacional de Angola (BNA) realizou, nesta segunda-feira, uma campanha de sensibilização da população para a abertura de conta bancária (Bankita), com o objectivo de melhorar a educação financeira, numa feira que decorre no Mercado Municipal do Uíge e do Bairro Candombe Velho.

A campanha estende-se também aos municípios de Negage e Maquela do Zombo, de acordo com o chefe do sector de acompanhamento e supervisão do BNA.

Faustino João declarou tratar-se de um programa que visa influenciar o espírito de poupança à população de baixa renda para a abertura de uma conta, sem necessidade de ter muito dinheiro, mas apenas com cinco mil kwanzas.



EM BENGUELA

Camponeses recebem material de agricultura

O município da Ganda, em Benguela, anunciou a entregar, nos próximos dias, de tractores, motobombas, charruas, sementes e outro material agrícola às cooperativas e famílias camponesas do interior da província para minimizar os efeitos da estiagem.

O governador de Benguela, Luís Nunes, afirmou que se pretende ajudar a combater a fome que assola as famílias, devido à seca, e prometeu trabalhar para que a situação na comuna da Chicuma, celeiro agrícola da província e outras regiões do interior, seja minimizada.

Foi a primeira visita do governador àquela região, dois meses após a nomeação, onde radiografou vários projectos no âmbito do PIIM e do Programa de Investimentos Públicos, alguns abandonados, com realce para escolas, centros médicos, postos policiais, palácio da justiça, entre outros.

CONTAS QUE SIMPLIFICAM A VIDA E OS NEGÓCIOS. **JÁ CÁ CANTAM.**

CONHEÇA AS NOVAS **CONTAS BIC SIMPLIFICADAS**
COM ABERTURA FÁCIL E IMEDIATA.

Depósito à Ordem

Montante Mínimo de Abertura:
Fins Pessoais: 5.000 AKZ
Fins Comerciais: 10.000 AKZ
Fins Comerciais c/ TPA: 20.000 AKZ

Depósito a Prazo

Montante Mínimo de Constituição:
Fins Pessoais: 50.000 AKZ
Fins Comerciais: 100.000 AKZ
Fins Comerciais c/ TPA: 200.000 AKZ



LINHA DE ATENDIMENTO BIC
+(244) 923 190 870
Serviço disponível 24H



BancoBIC
Crescemos Juntos

www.bancobic.ao



Opiniões

Incompetência e o transferir de competências



António Vieira,
ex-director da
Cobalt Angola

O Estado é aquela pessoa de bem que, por ser de bem, tem o orgulho e a obrigação de fazer tudo de bem para os seus contribuintes. E, não pode ser diferente para não os defraudar. É para isso que as populações são contribuintes e pagam com o fruto do seu suor a sua quota-parte para que sem apelo nem agravo beneficiem das comodidades e mordomias globais. Por outras palavras, os contribuintes dão ao Estado os fundos e as competências necessários para que se possa viver melhor. De acordo com o seu estatuto e posição social, os contribuintes pagam o que é seu dever, contribuem solenemente conforme lhes é requerido.

Numa tentativa evidente de satisfazer as premissas anteriores e, ante-vedo a modificação da estrutura partidária para que se fizesse uma renovação dos quadros nomeados para cargos públicos, o general João Lourenço apontou as suas armas para sectores diferenciados do partido. Apostou no rejuvenescimento de quadros e promoveu uma série de “antigos pioneiros” para cargos seniores. É evidente que esta evolução é não só necessária sob o ponto de vista de melhorar a qualidade e o nível educacional dos quadros repentes, como também indispensável para manter a juventude interessada e alinhada a pensar no futuro.

Deste modo, tivemos a oportunidade de observar a qualidade e competência do futuro do partido e do país. Foi assim que tivemos a oportunidade de conviver muito brevemente com o antigo governador de Luanda. Num espaço de tempo curto, foi-nos dado compreender que, afinal de contas, Luanda é não só gover-

nável, como também pode ser bem governada. As melhorias eram evidentes e sentia-se um dinamismo que não era até então comum. E tal não foi o desempenho que começámos a pensar que poderíamos um dia ter na pessoa do jovem governador o líder que o partido precisa para os anos trinta.

Para além desta aposta no rejuvenescimento, o general João Lourenço apostou também no feminino de tal maneira que hoje, rodeado de saias, ficamos com a impressão de que o partido ter-se-ia tornado mais confortável e carinhoso. Muito razoavelmente, devido a nossa educação machista, ficamos a espera de ver a vida a correr melhor. Afinal de contas, é exactamente a isso que as mamãs silenciosamente nos habituaram. Um carinho, um miminho, a dedicação feminina iria certamente fazer a diferença. As coisas estavam tão mal que escusado será dizer que seria para melhor.

Em alguns casos pontuais juntou-se feminino com juventude e ficamos com a sensação que em breve poderíamos ter uma passagem de modelos palaciana, tal não eram as beldades que apareciam em ascensão. Novas caras, novo discurso, novo saber. Começamos todos a ver militantemente os noticiários na esperança de ver novos sorrisos, modas, e toques governativos.

Porém, neste arrumar de pedras no tabuleiro trouxe ao de cima a

escassez de elementos jovens e femininos com a competência que os cargos requerem. Ou pelo menos assim ajuizou o xadrezista. Verificou que no seu tabuleiro não podia transformar peões em bispos, torres, ou cavalos. Como tal foi necessário recorrer a prata da casa, ao exército dos que já há muito se deviam ter reformado, mesmo sem ter experiência adequada.

Com a prata da casa voltaram a surgir os males do antigamente, com uma destreza que até parece vingança de Anhangá ou Obaluaïê. E na nossa tradicional dança de cadeiras demos de caras com a substituição de alguns quadros jovens e promissores por ‘cadres’ velhos, gastos, e gastos de tal forma que nada de novo poderiam trazer para as funções que lhes foram atribuídas. E eis que surgem desastres de tal maneira inaceitáveis que são comprometedores não só para o executivo, mas para o próprio país.

Uma das funções atribuídas ao estado é a higiene pública. E é exactamente em termos de higiene pública que estamos mesmo muito mal e, pelos vistos, ainda não vimos o fim do filme. Tudo se tem experimentado. Mas não se vêem resultados a longo prazo. Colocou-se vergonhosamente a polícia e o exército a fazerem o trabalho de recolha, ignorando o facto de que esses órgãos não só não estão treinados para o fazer, como se ignorou o efeito psi-

cológico de serem colocados a fazer trabalho fora da sua área de competência. E, nem sequer foi-lhes atribuído um bónus pelo trabalho fora de horas e sem o equipamento de saúde e protecção física necessário. Fez-se um “concurso público” que resultou numa vergonha em 4-D tendo sido anulado (??) graças as más praticas e demais falta de transparência. Posteriormente, solicitou-se aos empresários de construção e camionagem ajuda para a dita limpeza. Tudo de improviso, quais gritos de desespero como o uivar de lobos cercados de fogo. “Tudo à toa”, como diz um famoso radialista da nossa praça.

Finalmente a última gota neste oceano de falta de resposta sábia surge agora uma nota do governo provincial a determinar que as empresas, incluindo os comerciantes, passam a ser responsáveis pela recolha do lixo. Ai u eh, n’gana zambie! Isso é mesmo sério?

Eu nem sequer quero acreditar nesta possibilidade. Sobrecarregar os empresários com esta dispendiosa tarefa para a qual nós pagamos através dos nossos impostos ao estado tem um sabor a mais um imposto. Será que o governo provincial tem capacidade para “decretar” um imposto sobre o comércio e indústria? Posso não ter compreendido de forma adequada, mas percebi que as empresas terão a responsabilidade de limpar a volta das suas instala-

ções. E onde não houver empresas que façam a dita limpeza? Lá, onde vive a grande massa populacional, será que existem empresas para o fazer? Ou será uma vez mais deixar o povo à sua sorte, tal qual na saúde e na educação? É altura de acabar com a incompetência e eliminar a transferência de incompetências.

A recolha de lixo tem de ser um serviço público para que seja eficiente não só em termos de limpeza das nossas cidades, mas também em termos de despesa pública. Há que eliminar os ‘gordos’ lucros que são recolhidos por empresas de recolha associadas a indivíduos que ajudarão a financiar planos ocultos, quiçás campanhas eleitorais. O governo provincial tem de estabelecer o “standard” de recolha e tratamento de lixo, e, duma vez por todas assumir a responsabilidade desta tarefa que só a ele compete. O governo provincial precisa duma equipa de gestão de saúde públicacentrada e dedicada a esta disciplina. O Governo provincial não precisa dum grupo de políticos com afazeres e experiências diferentes, com outras preocupações sobre as quais precisam de dar o seu melhor. A esses gestores profissionais dar-se-ão todas as condições e os acessórios necessários para uma gestão digna e exemplar do nosso lixo. Embora isto pareça ser complicado, é certamente muito mais económico, sobretudo se analisarmos os benefícios para a saúde pública que se ganham com as nossas cidades limpas. Quem perde com isso? As sanguessugas do costume que verão os lucros fáceis escaparem-se-lhes por entre os dedos.

O povo angolano tem o direito de esperar que a sua contribuição fiscal seja utilizada de forma adequada para que as suas cidades sejam minimamente decentes em termos de higiene. E, que a marimbondagem das mixas seja eliminada duma vez por todas daqueles que as usurpam no desempenho das suas funções.

Só assim, poderemos melhorar o que está bem e, continuar a corrigir o que está mal. E quem ganhará é o povo. O futuro promete.



“Angola apresenta uma base de população jovem, com mais “novos” do que “velhos”, o que, à partida, é favorável à sustentabilidade da Segurança Social e à solidariedade geracional.”



O seguro de vida como complemento ao sistema de Segurança Social



Ricardo Vinagre,
Senior Manager
EY Assurance
Services

Do ponto de vista demográfico, Angola está duplamente de parabéns: a população continua a aumentar, assim como a sua esperança média de vida. São, sem dúvida, bons indicadores, ainda que tragam consigo alguns desafios.

Com o aumento da população e vivendo esta mais anos, verifica-se, de um modo geral, uma pressão sobre os sistemas sociais do país, ainda que, por ora, me foque apenas na Segurança Social, não como um todo, mas enquanto sistema que garante que aqueles que

trabalharam e efetuaram os seus descontos possam, no momento em que atingem a idade de se reformarem, usufruir do direito a uma parte daquilo que descontaram.

A Segurança Social é um sistema em que as pessoas em idade ativa descontam para que aqueles que já não o estão recebam a sua reforma, sendo que estes, por sua vez, também descontaram quando estavam na sua vida ativa. Porém, a questão complexifica-se quando o valor que é consumido pelo número de beneficiários é superior ao valor das contribuições da população ativa.

Angola apresenta uma base de população jovem, com mais “novos” do que “velhos”, o que, à partida, é favorável à sustentabilidade da Segurança Social e à solidariedade geracional. Tudo isto seria perfeito e com garantias de longo prazo se o sistema de Segurança Social funcionasse mais eficazmente e as contribuições fossem devidamente efetuadas – e, aqui reside o grande problema de Angola, isto

não acontece, por diversos níveis de razões. Por um lado, continua a existir grande número de trabalhadores em atividades informais, que não efetuam descontos; por outro, um número considerável de pessoas, para conseguirem levar mais algum dinheiro para casa, acaba por não descontar tudo aquilo que lhes seria devido. Esta dinâmica deve ser devidamente enquadrada num contexto social onde o índice de pobreza ainda é elevado.

É aqui que as seguradoras devem intervir, como uma solução para aqueles que querem e podem juntar recursos, de modo a que, quando terminarem a sua vida profissional, contem com um rendimento que lhes garanta uma velhice tranquila. Em momento algum, por optarem por um produto de seguradora, devem deixar de contribuir para a Segurança Social, pois esta, além de uma obrigação social, constitui uma obrigação moral, sendo a forma de garantir que todos pos-

sam vir a ter uma velhice digna. No entanto, nada impede que as pessoas pensem em criar complementos ao sistema de Segurança Social, tal como acontece em diversas partes do mundo. Para tal as seguradoras devem apresentar produtos ajustados à sua realidade, como planos poupança-reforma e outros tipos de produtos de poupança. Emerge, neste domínio, um ponto fundamental: a necessidade de as seguradoras conseguirem garantir a confiança dos que podem investir e lhes entregam o seu dinheiro. O regulador tem, naturalmente, um papel muito importante neste processo, pois é o garante da confiança das pessoas nas seguradoras, criando regulamentação e mecanismos de supervisão que permitam aos tomadores ficarem tranquilos e com a certeza de que, um dia, o dinheiro que investem lhes servirá para viverem uma reforma tranquila e como um complemento de uma Segurança Social que se espera cada vez mais robusta e adequada.

Opiniões

E agora pergunto eu...



Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

A actualidade a nível mundial foi marcada esta semana por mais uma daquelas demonstrações de como a tendência do ser humano para procurar as diferenças,

o que o separa dos outros mais do que o que aproxima, pode ser capitalizada por política sem escrúpulos. A guerra de 11 dias em Gaza, num dos conflitos mais antigos e mais complexos do mundo que opõe judeus a árabes na Palestina, voltou a reacender, e deixou um rasto de feridos, mais concretamente 1620 e 227 mortos,

64 dos quais crianças. Isto para além da destruição de infra-estruturas que vão desde hospitais a edifícios, estradas fornecimento eléctrico e de comunicação

O Comité de Protecção de Jornalistas, instituição sedeadada nos EUA que como outras na Europa vela pela liberdade de imprensa e vida dos jornalistas em todo o mundo, e para que comecei recentemente a trabalhar, reportou a morte de um jornalista e a destruição das instalações de 18 meios de comunicação no que parece evidente ser uma tentativa de calar os media palestinos por parte da política Israelita.

A boa notícia é que foi na semana passada anunciado um cessar-fogo que vai deixar chegar ajuda humanitária à Faixa de Gaza que tem ali encurralados pouco mais de dois milhões de pessoas numa área de 365 km. E, enquanto essa notícia fazia manchete na nossa média pública era manchete mais um abandono de centenas de militantes do partido da Unita. Mas e agora pergunto eu e muita gente que já anda enjoada com o conceito de serviço público ser confundido e atropelado pelo de serviço partidário, porque diabo é que a saída de militantes



da Unita ainda é notícia? Quanto mais não seja pela quantidade de vezes que o fenómeno acontece, já deixou de ser novidade com qualquer tipo de relevância noticiosa. Francamente.

Preocupa-me cada vez mais a forma como o sistema político usa e abusa da média pública, que é paga pelo Estado, para a sua agenda “militonta” para usar a expressão tão adequada do jornal Folha8.

E preocupa-me cada vez mais porque a dita agenda ‘militonta’ não se preocupa com a associação de jornalistas que usa com a política reles que faz, e preocupa-me que a população que é facilmente agitada, identifique cada vez mais

unicamente esses jornalistas com essa agenda militonta, dirigindo-lhes como resultado ressentimentos indevidos. E em Angola, se há algo que ficou provado por João Lourenço, é que o paradigma político pode mudar e com uma rapidez vertiginosa transformar deuses em pedintes e santos em pecadores...

Esta semana numa das reuniões diárias do Comité de Protecção de Jornalistas, uma colega que cobre sobretudo a região oriental de África, explicava que no Quênia está a acontecer uma situação dessas que deve servir de exemplo para a classe em África onde o panorama político é volátil. A situação do Quênia é complicada

por etnicidades e por tribalismos, mas afecta os jornalistas locais de forma directa, tudo por causa da política.

Então essa colega explicava que o governo de Tigray que é a região que durante 27 anos controlou o governo federal, composto por 10 estados, foi em Novembro do ano passado, removido por uma coligação de partidos da oposição compostos por membros dos outros estados federais. Eu que sou uma analfabeta da política regional na zona aprendi imenso. Então ela dizia que os jornalistas da média vista como sendo pró-partido (que tinha sido corrido do poder e que até agora se está a combater na

guerra de Tigray que conta entre 50 mil e 100 mil mortos), e haviam sido nomeados pelo anterior poder começaram a ser perseguidos pelo novo poder. As vinganças mesquinhas que atrasam o continente. Despedidos, assediados, impedidos de viajar, presos, enfim... a vida tornou-se insustentável para eles no país, um pouco à semelhança do que aconteceu em Angola quando os Santos foram tão automaticamente convertidos em pecadores...

É que, para que os jornalistas, e toda a estrutura de Estado que se comporta como estrutura de um partido, não fossem identificados com a dita agenda ‘militonta’, seria precisa uma maturidade política que o sistema político fez tudo para evitar, infantilizando a população tanto quanto possível para a manter subserviente, obediente e a apoiar o partido no poder. O preço dessa subserviência é sem dúvida a falta de discernimento que leva a ameaças a jornalistas da média pública como se vê por aí e até a ataques a polícias e outras situações a todos os níveis condenáveis.

Estas conferências dos militantes que saem de um partido (em que só aparece gente a sair nunca a entrar mas que mesmo assim o partido sobrevive teimosamente), são nada menos do que acções de infantilização que toldam o discernimento. Como já disse aqui, insultuosas para quem as vê pelo que são, mas também muitas vezes para os próprios jornalistas que são obrigados por ordens superiores a dar-lhes destaque.

O sistema não só os borra completamente associando as suas caras à acções militontas, mas coloca-os também em risco de instabilidade em caso de mudança de paradigma político, que pode acontecer mesmo que se mantenha o MPLA no poder.

E a oposição não está a fazer um bom trabalho a tranquilizar essas estruturas que seguem ordens superiores, não por escolha, mas por falta de alternativa. A oposição tem de fazer melhor para se mostrar mais inclusiva. Mas com uma teimosa esperança em dias melhores, e deixando aqui o recado para que o querido leitor não se esqueça de contribuir com o seu saco de farinha para a campanha do S.O.S Angola Sul, que tem grupo no Facebook, marcamos aqui encontro e na sua Rádio Essencial. P.S. a foto deste espaço muda quando for visível que as prioridades de Estado que não recebem cobertura mediática mudarem também.



A boa vontade nos une

SAHAM Angola Seguros torna-se Sanlam

A SAHAM Angola Seguros torna-se Sanlam, integrando a maior instituição financeira não bancária de África. Valendo-se de mais de 100 anos de experiência financeira no mercado Africano e na indústria seguradora, a Sanlam assume o compromisso com os seus parceiros, clientes e colaboradores, de estar sempre presente e caminhar juntos no desenvolvimento de capacidades e estruturas que permitam o crescimento seguro.

Unidos pelos mesmos valores.

 **Sanlam**

Viva com confiança



Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te

Sobre [Ver tudo](#)

11 343 pessoas gostam disto, incluindo 71 dos teus amigos

11 800 pessoas seguem isto

<http://www.valoreconomico.co.ao/>

936272323

Enviar mensagem

Empresa de comunicação e notícias

Fotos [Ver tudo](#)



Edição 259 Likes 293 Partilhas 49

A edição 259 do Valor Económico alcançou mais de 65 mil internautas e mais de oito mil interações sendo os temas mais comentados a entrevista do Economista Alves da Rocha, que lembra que 15 milhões de pessoas estão na linha da pobreza em Angola; o decreto presidencial que mais afunda o sector da restauração e a abertura do complexo Kinaxixi que está projectada para 2024.

Os comentários são seleccionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico.

Gralhas e discussões personalizadas são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Pedro Chimbira Pedro

Não podemos esquecer que a metade da população angolana, vive na extrema pobreza.



Horacio Junior

Leia a entrevista para não especulem. Vocês já são adultos.



Miller Venâncio Bellíssimo Marron

Dr. Alves meu mestre em economia.



Aires Almeida

Voz muito sábia que poucas vezes é ouvida...



Silva Kpaia

15 na pobreza e 10 na miséria.



Horácio Hora-h

Angola uma quimera!



Afonso Costa

E não está no conselho de estado do presidente Jlo, têm de se aproveitar estes quadros



Eduardo Liberdade

Wilson Alfredo As estimativas apontam para 33 milhões



Alfredo Alves

Infelizmente os Governos aproveitam-se da pandemia para cobrar mais aos contribuintes e bloquear ajudas àqueles que muito contribuem com receitas para os impostos! Verdadeiramente humilhante! A mesma história se passa naquele miserável País chamado Portugal.



Helder Cruz

Decretam se medidas para a restauração dessa forma. E, entretanto, cobram os impostos. Entretanto dá-se uma volta pelos mercados informais e o que se vê. Vá-se lá entender



Claudio Costa

O governo, não sabe que os restaurantes têm mais ganhos aos finais de semana? E vêm com estas medidas para prejudicá-los ainda mais. Assim é que querem combater o desemprego? Queria escrever tantos erros graves, graves deste governo, mas fico por aqui.



Francis Deyhot

Completamente perdidos estes senhores engravatados que decidem. Eu sou um dos que depende dos fins de semana para viver, agora nem sei como sobreviver



José Rui de Carvalho

Kinaxixi parece que isso nunca há de abrir



DjSaude Maximus

A obra já tem 10 anos, ainda só está em 50%! Isso é Angola.



Victor Cruz Lopes

Como se esse complexo fosse importante nesta fase da nossa vida! Sempre acéfalos...



Horacio Junior

Victor Cruz Lopes

Diz lá o que é importante para si? Acha o que é importante para si é igualmente para todos. O complexo do Kinaxixi vai proporcionar mais de 1000 postos de trabalho. Acha que é pouco? É menos importante que o seu desejo?



Rómulo Pegado

É como Aeroporto, nunca esteve parado, esta é todo rachado...

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

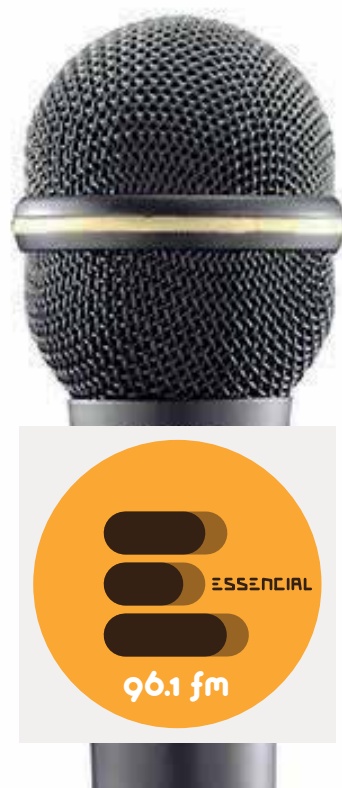
Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

Iban:
0051 0000 7172
9933 1512 7

O QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



Covid-19



EM ABRIL

Número de visitantes em Macau aumenta 5,3%

Macau recebeu 794.819 visitantes em Abril, numa subida de 5,3% em relação ao mês anterior e de 71 vezes em termos anuais, anunciou a Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC).

Estes dados vêm confirmar o aumento gradual do número de turistas, oriundos sobretudo da China, em forte queda devido ao impacto da pandemia da covid-19 no território.

Em Abril, entraram em Macau 450.579 turistas, registando 344.240 excursionistas, de acordo com o comunicado da DSEC.

A maioria dos visitantes (730.934) era oriunda da China, num aumento 68,6 vezes em termos anuais. Destes, 300.467 tinham vistos individuais, cuja emissão, suspensa desde o início da pandemia, em Janeiro do ano passado, foi retomada em meados de Agosto de 2020.

Mais de 383 mil visitantes eram oriundos de “nove cidades do delta do rio das Pérolas da Grande Baía”, sendo 47,3% destes provenientes da cidade vizinha de Zhuhai.

EM TÓQUIO E OSAKA

Japão abre primeiros centros de vacinação

O Japão abriu em Tóquio e Osaka os primeiros centros de vacinação em massa contra a covid-19, para acelerar a campanha no país, quando faltam dois meses para o arranque dos Jogos Olímpicos.

Os centros, geridos pelo exército, vão estar abertos 12 horas por dia, durante três meses, e vão administrar a vacina desenvolvida pela farmacêutica norte-americana Moderna, cujo uso de emergência foi aprovado pelo Governo japonês na sexta-feira.

O executivo espera vacinar até dez mil pessoas por dia no centro de vacinação de Tóquio e cinco mil no de Osaka, e tentar cumprir a meta de inocular a população com mais de 65 anos (cerca de 36 milhões de pessoas) até finais de Julho.

Durante a primeira semana, os novos centros só vão administrar a vacina a residentes naquelas localidades, mas, mais tarde,



também os residentes das prefeituras vizinhas poderão vacinar-se naqueles locais, mediante reserva prévia, incluindo os habitantes de Saitama, Chiba e Kanagawa, no caso de Tóquio, e os de Kyoto e Hyogo, no caso de Osaka.

As 49 mil vagas disponíveis em Tóquio para esta semana e

as 24.500 no centro de Osaka esgotaram-se rapidamente desde que se iniciou a inscrição, unicamente pela internet, em 17 de Maio.

Espera-se a abertura de outros centros deste tipo, mas com gestão municipal, nas próximas semanas.

A campanha de vacinação no Japão só arrancou em Fevereiro e está muito atrasada em relação a outros países, o que gera preocupação dentro e fora do país, quando faltam dois meses para o início dos Jogos Olímpicos Tóquio2020, previsto para 23 de Julho.

TIMOR-LESTE

Juventude pode explicar mortalidade mais baixa



Timor-Leste tem uma taxa de mortalidade por covid-19 de 0,2%, mais baixa que vários países, o que poderá dever-se ao facto de grande parte da população ser jovem, segundo uma análise oficial divulgada.

“A baixa taxa de mortalidade em Timor-Leste deve-se, em grande parte, ao facto de a maioria dos casos diagnosticados de covid-19 terem sido em jovens. Existe um risco significativo de aumento do número de mortes se [a doença] afectar mais pessoas mais velhas e com comorbilidades como hipertensão, diabetes e doenças cardíacas”, explica-se no relatório.

“As pessoas com mais de 60 anos e as pessoas que têm comorbilidades devem ser vacinadas o mais rapidamente possível, para as proteger da covid-19 e reduzir o risco de doença severa ou morte”, aponta-se.

O estudo nota, por exemplo, que na última semana cerca de 78% dos casos diagnosticados foram detectados entre pessoas com menos de 40 anos.

A análise, com base em modelagem epidemiológica, foi feita num relatório preparado pelo Pilar 3 do Ministério da Saúde, em conjunto com a Força-Tarefa para Prevenção e Mitigação da covid-19 da Sala de Situação do Centro Integrado de Gestão de Crise (CIGC).

O Instituto Nacional de Saúde timorense, a Organização Mundial de Saúde (OMS), as Equipas de Apoio Médico Australiano (AusMAT) e a Menzies School of Health Research, instituição que apoia o Laboratório Nacional timorense em Díli nos testes à covid-19, também participam no estudo.

ATÉ SEGUNDA FEIRA os dados de Angola indicavam 32.623 casos positivos, 731 óbitos, enquanto pacientes recuperados contabilizavam-se 27.087 e activos 4.805.



PAÍSES SEM RESTRIÇÕES NA UE

Lista publicada a 9 de Junho

A União Europeia deve estabelecer até 9 de Junho a lista dos países terceiros de onde são permitidas viagens sem restrições, devido à covid-19 para o bloco europeu.

Segundo o ministro francês das Relações Exteriores, Jean-Yves Le Drian, esta categoria “verde” permitirá a chegada à UE de cidadãos de países terceiros sem qualquer dificuldade, excepto verificações mínimas de controlo sanitário”, disse, sem avançar com mais detalhes.

O ministro explicou que, além da categoria ‘verde’, existe também uma ‘lista laranja’ que identifica os países cujos cidadãos já estão vacinados contra a covid-19, mas com uma “vacina reconhecida” pela UE, e uma “lista vermelha” com “restrições extremamente firmes” devido à circulação das várias variantes do vírus SARS-Cov-2, onde se inclui o Brasil, Argentina e Índia.

Com o aproximar do verão e da época turística, os 27 concordaram na quarta-feira em permitir a entrada na UE de pessoas já vacinadas contra a covid-19 vindas de países terceiros.

A UE encerrou as fronteiras externas em Março de 2020 para viagens “não essenciais” devido à pandemia e vai estabelecer, a partir de Junho, uma lista resumida, que é revista regularmente, dos países terceiros cujos residentes sejam vacinados ou não possam entrar na União Europeia.

O ministro francês das Relações Exteriores avançou que a França está a estudar medidas mais restritivas para viajantes do Reino Unido devido à circulação da variante indiana da covid-19 neste país.

“A variante indiana no Reino Unido está a causar problemas e dúvidas. Estamos muito vigilantes”, observou.

Jean-Yves Le Drian afirmou que “não será um tratamento vermelho”, mas poderá ser intermediário (laranja), e admitiu que podem ser tomadas “medidas sanitárias um pouco mais fortes” para os viajantes do Reino Unido.

EM JUNHO

Autoridades britânicas admitem levantar restrições

As autoridades de saúde britânicas admitiram que as restrições devido à pandemia podem ser levantadas em Junho depois de um estudo ter concluído que as vacinas da Pfizer e AstraZeneca oferecem protecção eficaz contra a variante originária da Índia.

Nas últimas semanas, as autoridades britânicas tinham expressado preocupação em relação ao aumento de casos desta variante no Reino Unido, o que podia comprometer o plano de desconfinação.

Segundo os últimos dados, mais de 2.800 casos de covid-19 da variante detectada na Índia foram registados na Inglaterra. O governo britânico afirmou que a variante indiana parece ser mais transmissível, mas existiam ainda incertezas sobre a gravidade.

A directora executiva da Agência de Segurança Sanitária do Reino Unido, Jenny Harries, declarou que as autoridades inglesas estão a caminho de prosseguir com a fase final do plano de desconfinação a partir de 21 de

Junho, caso a população continue cautelosa. “As pessoas devem continuar a manter todas as regras de segurança”, disse Jenny Harries ao canal de televisão BBC, alertando que esta variante está a tornar-se dominante em alguns locais do Norte da Inglaterra e a população desta zona tem de estar vigilante.

Também o secretário da Saúde, Matt Hancock, referiu estar “cada vez mais confiante” de que a Inglaterra vai poder seguir os planos de desconfinação.



NO ESTADO BRASILEIRO DO MARANHÃO

Bolsonaro multado por aglomeração sem máscara

O governo do estado do Maranhão multou o Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, por não usar máscara e provocar uma aglomeração durante um evento realizado no município de Açailândia. A multa foi imposta pelas autoridades sanitárias do estado do Maranhão por “não cumprimento da obrigação de usar máscara” e “causar aglo-

merações sem controlo sanitário” num evento com mais de 100 pessoas, de acordo com o documento ao qual o jornal Folha de São Paulo teve acesso.

A sanção foi enviada para o Palácio do Planalto, a sede do governo federal, e o valor da coima pode variar entre 2.000 reais (312 euros) e 1,5 milhões de reais (232 mil euros), um

montante que será definido uma vez apresentadas as alegações da defesa de Bolsonaro.

Bolsonaro, um dos líderes mais negacionistas sobre a gravidade do coronavírus, liderou um evento em Açailândia, no qual voltou a manifestar-se contra as medidas de distanciamento social impostas pelos governadores e autarcas para conter a pandemia.

Marcas & Estilos



Estímulo à compaixão

Os pratos Kiva Gemstone são todos designs únicos, criados pela mãe natureza e imbuídos de poderes secretos, incluindo trazer clareza e calma para os proprietários. Cada forma orgânica é emoldurada em ouro de 24 quilates ou prata pura e projectada para exibir as criações culinárias sem competir.

Peça única

Máscara facial feita com o tecido exclusivo DP. Dispõe de duas faixas elásticas nas laterais com detalhes de costura central e etiqueta desportiva no interior. Devido à natureza da impressão, cada peça é única e varia ligeiramente em relação ao item da foto.



NO MAR

Lazer à medida

A história de Riva remonta a 1842, quando um jovem artesão chamado Pietro Riva começou a consertar barcos danificados por uma tempestade no Lago Iseo, Sarnico.

O construtor de barcos, agora propriedade do Grupo Ferretti, evoluiu da madeira para a fibra de vidro para produzir super-iates de três andares, mas a imagem permanece indelevelmente ligada a um barco acima de todos os outros: o majestoso Aquarama.

“O design elegante do Aquarama, o barco que meu pai projectou, tornou-o um clássico instantâneo”, diz Lia Riva, tataraneta de Pietro Riva, que dirige a Monaco Boat Service, concessionária exclusiva da Riva para o principado e para a França como um todo. “Tornou-se um símbolo de glamour. Tantos ícones daquela era de ouro dos anos 1950 e 60 possuíam um: Brigitte Bardot, Sophia Loren, Ingrid Bergman – a lista é infinita.” Ao contrário de seu pai, Serafino Riva, que construía barcos para velocidade Carlo Riva foi o primeiro membro da família a projectar barcos exclusivamente para o lazer.

AGENDA

LUANDA

28 DE MAIO

No mês da Língua Portuguesa, o SextArte - Oficinas de Arte à Sexta-feira, debruça-se sobre a Escrita Criativa com Ana Paula Lisboa. Das 14h00 às 17h00. Inscrição gratuita, vagas são limitadas. Contactos: 931 732 214 ou através do e-mail contactocba@gmail.com

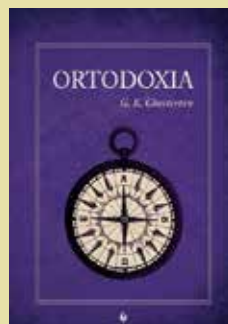
29 DE MAIO

Workshop 'Fazer a Paz: Superar a Dor para Seguir em Frente', com Ana Sofia Fernandes, no Hotel Trópico, entre as 09h00 e as 18h00. 35 mil kwanzas. Para mais informações, 941 494 704.

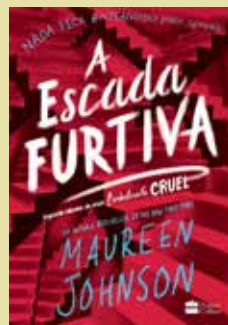
5 DE JUNHO

Auditório do Edifício Kilamba acolhe, conferência sobre liderança e negócio. Bilhetes entre 15 mil kwanzas e 30 mil kwanzas. Início às 09h00. Reservas em 923 218 754 / 923 539 247 / 937 243 170.

LIVROS



“COM CERTEZA existem pessoas que, impensada e levemente, falam da loucura como coisa de per si atraente, mas basta pensarmos um momento para chegarmos à conclusão de que, se a doença tem algum encanto, é porque geralmente se trata da



QUANDO UM COLEGA de classe de Stevie é assassinado, os pais da jovem decidem tirá-la do Instituto Ellingham, prezando pela segurança. Entretanto, Stevie está disposta a fazer qualquer coisa para voltar ao colégio.



TURISMO

O charme caribenho

Para um convívio pequeno, mais intimista com um toque de alto glamour, procure um local que ofereça o máximo de reclusão. Meads Bay está situada sob o resort no topo de um penhasco de Malliouhana, onde o litoral branco de Anguilla desagua no Mar do Caribe e a luz da noite num tom dourado. Local isolado, é sereno para uma celebração íntima, que se pode tornar ainda mais especial ao alugá-lo exclusivamente para uma festa privativa e inesquecível na praia.

Comece a noite com um banquete de comemoração preparado pelos chefs experientes do hotel, com frutos do mar locais e peixes do dia grelhados e temperados com ardentes sabores caribenhos. Quando o sol se põe, pule em uma prancha de remo transparente para uma viagem verdadeiramente inesquecível ao luar pelas águas cristalinas. Deixe a escuridão aumentar os sentidos enquanto aprende a remar de uma maneira totalmente nova e emocionante, procurando por cardumes de peixes e nadando sob os pés.

SEGUNDO O RELATÓRIO, TENDÊNCIA DEVE MANTER-SE

Ártico aquece a ritmo três vezes superior ao resto do planeta

AQUECIMENTO GLOBAL. Hipótese de a camada de gelo marinho derreter completamente antes de se restabelecer no inverno será seis vezes mais provável se a temperatura da terra aumentar dois graus centígrados.

Por Redação

A temperatura no Ártico está a aumentar três vezes mais depressa que no resto do planeta e a tendência irá manter-se, de acordo com um relatório científico divulgado nesta quinta-feira.

A hipótese de a camada de gelo marinho derreter completa-

mente no verão antes de se restabelecer no inverno será seis vezes mais provável se a temperatura da terra aumentar dois graus centígrados em vez de 1,5 graus até ao final do século, como estabelecido no Acordo de Paris, refere-se ainda no relatório do Programa de Vigilância e Avaliação do Ártico.

O documento foi revelado nesta quinta-feira na capital da Islândia, Reiqueiavique, numa reunião ministerial do Conselho do Ártico (em que estão representados os países com território na região).

MEMORIZE

● Segundo projecções no relatório, as temperaturas médias no Ártico poderão até ao fim do século aumentar entre 3,3 e 10 graus em relação à média do período entre 1985 e 2014, dependendo da evolução das emissões de gases com efeito de estufa. Mesmo sem saber como evoluirão, estas alterações têm consequências que já se fazem sentir nos ecossistemas, com modificações dos habitats, dos hábitos alimentares e das interações entre espécies e suas migrações.

“O Ártico é realmente um ponto quente do aquecimento global”, afirmou o glaciólogo Jason Box, do Serviço Geológico da Dinamarca e Gronelândia, registando-se ali 3,1 graus centígrados de aumento da temperatura média anual entre 1971 e 2009, quando no planeta esse aumento foi de um grau. Em 2019, a versão anterior do relatório indicava que o aumento da temperatura no Ártico estava em mais do dobro da média mundial.

De acordo com os investiga-

dores que contribuíram para o relatório, houve um ponto de viragem em 2004 que continua por explicar, em que a temperatura em torno do Círculo Polar Ártico começou a aumentar a um ritmo 30 por cento superior.

Actualmente, a região regista “episódios de calor invernal mais frequentes e mais longos”, disse Jason Box à agência France Presse, com sistemas meteorológicos, incluindo ondas de calor, que a afectam sobretudo nos períodos em que normalmente o gelo se forma, em Maio e Outubro.

Segundo projecções no relatório, as temperaturas médias no Ártico poderão até ao fim do século aumentar entre 3,3 e 10 graus em relação à média do período entre 1985 e 2014, dependendo da evolução das emissões de gases com efeito de estufa. Mesmo sem saber como evoluirão, estas alterações têm consequências que já se fazem sentir nos ecossistemas, com modificações dos habitats, dos hábitos alimentares e das interações entre espécies e suas migrações.

Da Sibéria ao Alasca, os fogos florestais incontroláveis são um problema habitual e “o fumo que produzem contém dióxido de carbono e partículas de carbono negro que também aceleram as alterações climáticas”, afirmou o investigador norte-americano Michael Young.

O impacto do aquecimento acelerado do Ártico sente-se no resto do mundo e de forma especialmente aguda nas vidas dos quatro milhões de pessoas que ali vivem, especialmente as populações indígenas. “Os caçadores do nordeste da Gronelândia queixam-se que agora só têm três meses por ano em que conseguem deslocar-se nos trenós puxados por cães, quando antes tinham cinco”, relatou a directora do Centro de Avaliação e Política do Clima do Alasca, Sarah Young. A responsável acrescentou que os caçadores e pescadores canadianos e russos apanham focas cada vez mais magras e mais animais doentes.

A diminuição do gelo abre oportunidades económicas que os ambientalistas temem, como novas zonas de pesca, novas rotas marítimas comerciais e acesso facilitado a reservas de petróleo, gás natural e minerais.



Os fogos florestais incontroláveis são um problema habitual e “o fumo que produzem contém dióxido de carbono.”

Educação & Tecnologia

Preenchendo a lacuna digital: por que nunca devemos desistir da conectividade de banda larga universal



Leo Chen,
Presidente da
Huawei na Região
da África Austral

Os números são ainda mais claros no que diz respeito à conectividade com a Internet de linha fixa. De acordo com dados da empresa de pesquisas Ovum, há apenas 6,6 milhões de assinaturas de linha fixa na África Subsaariana. Enquanto se estima um crescimento dos números em três vezes até 2023, o que representa ainda uma pequena parcela da população da região. Tais números deixam evidente que a região lida com uma grande deficiência de infraestrutura de Internet.

Os benefícios da crescente acessibilidade à Internet são óbvios. Em 2019, na África Subsaariana, mais de 650.000 empregos foram sustentados directamente pelo ecossistema móvel e mais de 1,4 milhões de empregos informais em 2019. Também contribuiu com mais de US\$ 17 bilhões para financiamento público ao longo do ano. A União Internacional de Telecomunicações (UIT) também definiu que um aumento de 10% na

penetração da banda larga móvel em África geraria um aumento de 2,5% no PIB per capita. Isso sem mencionar os benefícios que uma internet móvel melhor e mais acessível pode ter na educação, saúde e serviços governamentais. Com conectividade de Internet de fácil acesso, as pessoas podem procurar empregos, adquirir novas habilidades e acessar serviços governamentais sem terem que se deslocar para um endereço físico e, potencialmente, ficar em longas filas.

Como vimos, a pandemia causou uma devastação económica e social, mudando a forma como vivemos, trabalhamos, estudamos e socializamos, trazendo uma era de distanciamento social. Uma das mudanças mais significativas é a aceleração da transformação digital. Os legisladores africanos perceberam que o acesso à banda larga é fulcral para mitigar os efeitos da pandemia e impulsionar

a recuperação económica na era pós-Covid. Com as mudanças no comportamento e na mentalidade das pessoas, a banda larga também continuará a fornecer oportunidades para que os países africanos ultrapassem os obstáculos para o desenvolvimento socio-económico sustentável e inclusivo.

Obviamente, a responsabilidade de criar acesso não cabe apenas ao governo. As empresas também têm um papel a cumprir. Na Huawei, reconhecemos isso e apoiamos uma série de iniciativas que visam ajudar a aumentar o acesso em áreas onde é mais necessário. Em Julho do ano passado, por exemplo, lançámos o projecto DigiSchool em parceria com uma operadora local e uma organização sem fins lucrativos. Em resposta ao apelo para garantir que todas as crianças sul-africanas em idade escolar possam ler fluentemente para entender, o programa visa conectar mais de 100

escolas primárias urbanas e rurais à Internet de banda larga.

Além disso, lançámos DigiTrucks em vários países africanos, o que permite que todos, de estudantes à empresários, aprendam a usar computadores e a conectar-se com o mundo digital. No início deste ano, também anunciamos uma parceria com operadoras do Gana para construir mais de 2.000 estações base em áreas remotas daquele país para conectar os não conectados.

De uma perspectiva de saúde, entretanto, com as conexões de banda larga, Lifebank, uma startup nigeriana pioneira que entrega sangue e outros suprimentos médicos essenciais para hospitais. Ao manter a startup e seus usuários conectados, podemos garantir que os hospitais recebam suprimentos urgentes quando forem necessários.

Esses tipos de projectos, no entanto, servem apenas para ilustrar quanta necessidade de banda larga acessível existe realmente em toda a África Subsaariana. Eles representam um vislumbre do tipo de acesso que todos devem ter e que os intervenientes da sociedade devem procurar fornecer.

Por mais de uma década, as Nações Unidas reconheceram que a internet é um catalisador para o desenvolvimento sustentável. Todavia, como os eventos do ano passado ou mais mostraram, muitas pessoas são incapazes de desfrutar desses direitos porque não têm acesso e conectividade. Todos nós nos beneficiaremos com a expansão do acesso e a redução dessa divisão. Não há dúvida de que deve ser uma contínua grande prioridade para os governos, empresas e actores da sociedade civil.

Durante o ano passado, digamos, a transformação digital acelerou a uma taxa sem precedentes nas sociedades de todo o mundo. Quer estivessemos a trabalhar, a pesquisar ou a manter contacto com amigos e familiares, estar online tornou-se mais imprescindível do que nunca. Porém, apesar de um grande número de pessoas estar a adaptar-se às suas novas realidades, tornou-se também evidente que um número igualmente grande de pessoas foi impedido de o fazer. Considerando que o tema do Dia das Telecomunicações e da Sociedade da Informação deste ano, que aconteceu a 17 de Maio, é "Acelerando a Transformação Digital em tempos desafiantes", vale a pena examinar o quão grande é essa lacuna e como a mesma pode ser preenchida.

Na África Subsaariana, por exemplo, aproximadamente 800 milhões de pessoas não estão conectadas à internet móvel. Dasquelas, cerca de 520 milhões podem acessar à internet móvel, mas não o fazem por razões como penetração de smartphones e falta de habilidades, enquanto 270 milhões não podem acessar à internet móvel porque não têm a cobertura necessária. Em toda a região, a cobertura de banda larga 4G é de apenas 21 por cento.



“Uma outra oportunidade importante que a Huawei facilita é a formação de jovens em soluções de inteligência artificial e o aumento da sua fluência no domínio de tecnologias digitais de ponta.”



Celso Malavneke,
docente
e jornalista

Quem me 'paya' uma sala de reunião digital?

Com esta estória do “distanciamento físico e social” que a esquindiva da covid nos obriga com ela, a moda

agora é “reuniões virtuais em plataformas digitais”. Já ninguém anda atrás de ninguém para reunir: faz no Zoom, streamline, live e mais alguns nomes que há pouco mais de um ano ninguém conhecia ou ligava nenhuma e — já está! Quando se assustam, a malta está a reunir. Até a sacrossanta Assembleia-Geral das Nações Unidas, pela primeira vez na sua história, foi feita desta forma: cada chefe de Estado “ficou mbora” na casa dele. Reuniu os seus ministros e secretários, “se apontaram” umas câmaras à maneira, ligaram-se a um monitor de televisão e assim fizeram a reunião que simboliza o maior evento da diplomacia mundial.

Nos ministérios e altos gabinetes a mesma coisa: ninguém mais sai do seu gabinete para os encontros e reuniões de trabalho. Cada um liga o computador às tais plataformas digitais e, sem fazer nada mais que um clique, conecta-se e reúne-se como se todos estivessem na mesma sala. Ou melhor, pensando bem, até estão mesmo na mesma sala. Só que digital. A sala da reunião é virtual e a reunião ganhou um nome chique: videoconferência.

Há uns bons meses que venho cobiçando um “baita” desses sistemas de videoconferência na sala de reuniões de uma ministra minha kamba. Sentada na sua cadeira, a ministra fala para Genebra, para Nova Iorque, para as províncias, organiza projectos e programas, dá as suas orientações e, para o meu espanto, muitas vezes dá as instruções a subordinados nas províncias, que se comunicam com ela a partir dos seus telefones. Já a vi numa ocasião a pedir que lhe enviassem um vídeo de uma situação que lhe tinha despertado a atenção e a recebê-lo em menos de dez minutos. O vídeo foi feito naquele mesmo momento pelo técnico, usando o seu telemóvel. A reunião continuou depois com a ministra a falar da situação como se a tivesse visto. E viu de facto, através daquela tecnologia. Admirado, perguntei como tinham obtido o equipamento, dos mais sofisticados que tinha visto, e disseram-me que tinha sido uma oferta da gigante de tecnologia Huawei, como contribuição para o combate à pandemia que assola o mundo inteiro e Angola também.

Há uns bons meses que venho cobiçando um “baita” desses sistemas de videoconferência na sala de reuniões de uma ministra minha kamba.

Lembrei-me disso quando vi há dias num noticiário que a mesma companhia doara um equipamento de videoconferência inteligente à primeira-dama e se comprometeu, através de um termo de cooperação, a implementar um plano de formação em TIC que incluirá temas como 5G e progresso da indústria, redes de comunicação de dados e tendências de desenvolvimento, computação na nuvem, conceitos básicos de tecnologia, inteligência artificial, entre outros. No período 2021-2022, a Huawei ministrará mil

horas de cursos introdutórios às TIC e 6 mil horas de Formação para Certificação em Soluções Huawei. Os programas estão direccionados a jovens identificados no âmbito dos programas do Gabinete da Primeira Dama.

Conhecendo um pouco a primeira-dama e a forma como trabalha — não é por acaso que foi a ministra do Planeamento que serviu mais tempo e membro do Board do Banco Mundial — estou mesmo a ver a tremenda mais-valia que o equipamento doado constituirá para ela e para as suas assistentes. Estou mesmo a vê-la a retomar a liderança que exercia na iniciativa do Fórum das primeiras-damas Africanas na luta contra a transmissão vertical da transmissão de VIH de mãe para filhos durante a gravidez. Esse programa, entre nós conhecido como “Nascer Livre para Brilhar”, e que estava já a dar frutos bastante promissores, foi brutalmente truncado pela pandemia da covid-19 e a incapacidade de toda a gente, ela incluída, de realizar as viagens de acompanhamento e avaliação que tão bem fazia às províncias. Também já a estou a ver, por via desse sistema, a retomar

as reuniões de coordenação com as esposas dos Governadores Provinciais que coordenam o projecto nas respectivas províncias. Atrevo-me a dizer que, com esta oferta, a Huawei pode ter dado um impulso importante ao renascimento da que eu considero uma das maiores iniciativas humanitárias do mandato do Presidente João Lourenço.

Uma outra oportunidade importante que a Huawei facilita é a formação de jovens em soluções de inteligência artificial e o aumento da sua fluência no domínio de tecnologias digitais de ponta. Aí, mais uma vez, vejo um toque da visão da primeira-dama. É que, essa fluência, hoje por hoje, não só nos protege da contaminação do coronavírus, como constitui um tremendo meio de poupanças num contexto de muito poucos recursos financeiros. Com a popularização das reuniões e encontros digitais, poder-se-á realizar reuniões nacionais, conselhos consultivos e até congressos sem os grandes custos em transporte, alojamento e alimentação a que estamos habituados. E a quantidade das presenças será maximizada — ninguém poderá dizer que não veio por causa dos transtornos de viagem — e a qualidade também, já que cada um poderá assistir ao evento a partir do conforto da residência ou escritório.

Confesso que fiquei com inveja da oferta que a minha kamba ministra e a primeira-dama receberam da Huawei. Um dos meus sonhos é ter um sistema desses para as minhas “kavuanzas” profissionais com os kambas que trabalham comigo um pouco por este mundo que Deus criou. Por isso o título dessa crónica: Ninguém me oferece só um mambo desses também? Sonhar não custa dinheiro, só sono...

NÚMEROS DA SEMANA

250

Mil metros média mensal de produção de tecido da fábrica têxtil Textang II, que arrancou há 80 dias.

22

Mil milhões kz despesa aprovada pelo Presidente da República para adquirir vacinas através da União Africana, segundo um decreto presidencial.

7

Mil milhões kz gastos previstos da Comissão Nacional Eleitoral para a compra de mais de 100 viaturas todo-o-terreno, que serão usadas na supervisão do registo eleitoral.

306

Milhões USD Montante gasto por Angola, no primeiro trimestre deste ano, para importar combustíveis.



AFIRMA COMPLIANCE DO EXTINTO BANCO

BES teve dificuldades em obter informações de Angola

Reiterados contactos foram feitos ao então Banco Espírito Santo Angola (Bes) pela direcção de compliance do antigo BES (português), mas o banco angolano então liderado por Álvaro Sobrinho nunca se mostrou disponível a corresponder satisfatoriamente.

A afirmação é de uma das antigas directoras de compliance do extinto BES, Paula Gramaça, em audiência no parlamento português, no âmbito da Comissão Eventual de Inquérito às perdas registadas pelo Novo Banco. “Os nossos colegas de Angola não estavam muito receptivos. Nunca diziam que não estavam disponíveis a implementar

ou para dar informação, mas, de facto, havia sempre alguma coisa que impedia que a informação chegasse”, declarou.

Paula Gramaça explicou que o ex-presidente do banco, Ricardo Salgado, era informado das dificuldades de comunicação com o Besa. Igualmente, cita Morais Pires, que ficou com o pelouro da área internacional.

No entanto, referiu que só depois de Rui Guerra chegar à administração é que houve abertura na comunicação. “O dr. Rui Guerra contratou um compliance officer, portanto, uma pessoa para as funções de compliance do Besa, que veio a Portugal”, tendo aí existido “uma tentativa de aprender” como eram os procedimentos na casa-mãe, que deveriam ser replicados em Angola.

DEPOIS DA DETENÇÃO DO ‘MAJOR MILIONÁRIO’

Presidente exonera meia dúzia de oficiais generais

Seis oficiais generais da Casa de Segurança foram exonerados, esta segunda-feira, pelo Presidente João Lourenço, sem justificação oficial, mas dias depois de ter-se tornado pública a detenção de um major, também ligado à Presidência, por suspeitas de vários crimes. Pedro Lussaty foi detido na semana passada e, no início desta semana, o Serviço de Investigação Criminal e Procuradoria-Geral da República divulgaram a apreensão de 10 milhões de dólares, 700 mil euros, 800 milhões de kwanzas e comprovativos de transferências de mil milhões de dólares, segundo a televisão pública.

As autoridades anteciparam também a apreensão de 50

imóveis, alguns dos quais em Portugal e na Namíbia, duas dezenas de relógios de luxo, dois iates e, pelo menos, 15 viaturas top de gama.

Em comunicado, a PGR informou que, além de Lussaty, vários outros oficiais estarão implicados nos crimes de peculato, retenção de moeda e associação criminosa, o que suscitou várias especulações de que os oficiais generais exonerados por João Lourenço estão arrolados no processo.

Segundo a VOA, a investigação a Pedro Lussaty terá sido aberta após as autoridades espanholas terem alertado as angolanas de que este teria comprado uma residência naquele país ao general e actual secretário itinerante do comité de Luanda do MPLA, Bento Kangamba.

